

Facultade de Filoloxía

Mestrado en Literatura, Cultura e Diversidade

Estudo da literatura traducida entre  
2005 e 2012 pelas editoras  
incorporadas ao campo editorial galego  
desde 2003

Lucia Cernadas Varela

Visto do orientador

Roberto Samartim



## Resumo

O presente Trabalho de Fim de Mestrado estuda a produção traduzida entre 2005 e 2013 por parte das editoras incorporadas ao campo editorial galego a partir de 2003. Este estudo é feito assumindo a prática da tradução como um dos parâmetros determinantes para a compreensão do funcionamento dos sistemas culturais, junto com a tradição e a produção própria (Lambert 1080). Após a revisão de diferentes contributos que estudam a produção importada por via da tradução na Galiza, realizamos abordagens quantitativas, qualitativas e relacionais sobre a produção traduzida de 25 editoras, empregando para isto a base de dados de livro galego no período autonómico do Projeto Livro Galego (Samartim & Cernadas 2020a). A exploração dos dados é feita atendendo à distribuição dos volumes de produção traduzida, a sua cronologia, os géneros literários em que é classificada e as línguas e espaços de que procede; ao tempo, realizamos uma reflexão crítica sobre o papel normalizador atribuído a estas referências. Após a apresentação e discussão destes dados, chegamos a várias conclusões relevantes. Primeiramente, constatamos a utilidade da base de dados do Projeto Livro Galego. Em segundo lugar, verificamos que na produção estudada predominam o espanhol e o inglês como línguas fonte, enquanto nos géneros literários destacam a literatura infantojuvenil e, em menor medida, a narrativa; comprovamos, porém, que a responsabilidade para estas características recai em editoras concretas que concentram a maioria da produção, enquanto as restantes editoras implementam políticas tradutológicas mais equilibradas. Em terceiro lugar, observamos que o subcampo da tradução no período estudado é heterónomo a respeito do campo do poder. Finalmente, refletimos sobre a ideia da *normalização* como função atribuída à literatura traduzida, dentro de parâmetros do que Xoán González Millán (1995) denominou nacionalismo literário.

# Índice

1. Introdução.....	1
2. Estado da questão.....	5
3. Apresentação e discussão dos dados levantados.....	15
3.1. Distribuição da produção de literatura traduzida.....	15
3.2. Cronologia.....	19
3.3. Géneros literários.....	24
3.4. Línguas fonte e sistemas de importação .....	30
3.4.1. Bloco A.....	36
3.4.2. Bloco B.....	44
3.4.3. Bloco C.....	47
3.5. Tradução e normalização .....	48
4. Conclusões.....	52
Referências .....	57
Anexo I: editoras nascidas a partir de 2003 com produção traduzida para o galego entre 2005 e 2012 .....	66
Anexo II: editoras por blocos em função da sua produção .....	67
Anexo III: percentagem de produção traduzida nos catálogos das 25 editoras seleccionadas .....	68

## 1. Introdução

No ano 2003, a revisão das Normas Ortográficas e Morfológicas do Idioma Galego (RAG-ILG) abriu um período de maior consenso repertorial (Vilavedra 1999: 21) em volta da língua galega. A partir desta data, o campo editorial galego assistiu à incorporação dum grupo de editoras caracterizadas por implementarem estratégias de maior autonomia a respeito do mercado, manterem uma produção relativamente diversificada e mostrarem nos seus catálogos uma presença relevante da literatura infantojuvenil e das traduções, estas últimas procedentes de línguas relativamente diversas (Cernadas 2020). Este grupo de 100 editoras revela-se, então, como uma população significativa para o estudo do sistema cultural galego na atualidade, através do campo editorial. De acordo com esta tese, o presente Trabalho de Fim de Mestrado (TFM) tenciona aprofundar no estudo duma parte da produção dessas editoras: o livro literário traduzido para o galego entre os anos 2005 e 2012. Este estudo é uma continuação as análises realizadas sobre a produção das citadas 100 editoras no nosso Trabalho de Fim de Grau (Cernadas 2020) e, como tal, dialoga com elas permanentemente.

Os parâmetros que balizam o nosso objeto de estudo respondem a vários fatores. Em primeiro lugar, a seleção do parâmetro da tradução é feita em estreita ligação com o estado da principal ferramenta procedimental deste estudo: a Base de dados do livro galego no período autonómico (Samartim & Cernadas 2020a) do Projeto Livro Galego (Samartim & Cernadas 2020b), cujas características e potencialidades foram descritas em Cernadas (2020: 5-11). O estado dos processos de normalização de dados garante já uma abordagem sólida dum dos parâmetros selecionados por José Lambert (1980) para a adequada descrição dos sistemas culturais. A proposta do professor belga que incorporamos no nosso quadro teórico propõe um paradigma macroestrutural para o estudo do fenómeno da tradução, entendido como uma interferência entre sistemas de

comunicação complexos e heterónomos –como, por exemplo, o literário– (Lambert 1980: 248). Os ditos sistemas operam em relação a normas e modelos reconhecidos como centrais, cuja legitimidade é medida em confronto com os modelos e valores dos (sub)sistemas no seu entorno ( Lambert 1980: 248). Enfim, o funcionamento e a evolução dos sistemas são orientados pelas interferências –conceito equiparável às denominadas “transferências” por Itamar Even-Zohar (2018: 63)– entre a tradução, a produção e a tradição (Lambert 1980: 248).

Em segundo lugar, a escolha do livro literário condiz, como foi dito, com a exploração deste segmento da produção editorial galega feita em Cernadas (2020). No estado atual dos dados contidos na BD, o código CDU (Classificação Decimal Universal) resulta a informação mais fiável para a classificação dos títulos por género literário. Portanto, os registos foram categorizados de acordo com os géneros canónicos contemplados na CDU: narrativa, poesia, teatro, literatura infantil e juvenil e outros géneros. Dentro desses outros géneros, selecionamos o ensaio e a banda desenhada pelo impacto que têm na nossa população. Esta ordenação garante resultados representativos neste ponto, sem impedir, porém, a aplicação no futuro de categorias mais específicas – livros de memórias, autobiografias, epistolários etc.– que pudessem vir a completar o conhecimento do livro literário deste período. Igualmente, esta decisão não limita abordagens futuras sobre outros produtos editoriais, como o livro de texto –especialmente interessante em relação com o impacto dos decretos educativos que serão mencionados a seguir– ou o livro funcional.

Em terceiro lugar, o estabelecimento do leque cronológico 2005-2012 responde a vários condicionamentos, tanto internos quanto externos ao campo editorial galego. Principalmente, estas datas balizam dois governos de diferente orientação política à frente da Autonomia galega: entre 2005 e 2009, o bipartido composto pelo Bloque Nacionalista

Galego (BNG, esquerda soberanista) e o Partido dos Socialistas de Galicia (PSdeG, centro-esquerda autonomista) e, entre 2009 e 2012, a primeira legislatura do governo do Partido Popular (PPdeG, centro-direita regionalista) encabeçado por Alberto Núñez Feijóo. No contexto de ambos os executivos foram promulgadas leis que podem igualmente ser relevantes no nosso estudo. Duma parte, no ano 2006 entrou em vigor a Lei do libro e da lectura de Galicia. Este texto fixou uma ampla série de medidas para promover a leitura, o livro em galego e a atividade económica a ele associada (art. 1), algo que pode explicar o alto nível de novas editoras que publicam em galego nascidas no ano 2007 (Cernadas 2020: 20-21) e a elevada quantidade de livros publicados na mesma data (Cernadas: 2020: 22).

Aos efeitos deste trabalho, o artigo mais relevante da Lei do libro é o número 6, dos tradutores e tradutoras, que estabelece que o governo autonómico potenciará a tradução para galego e desde o galego para outras línguas mediante uma linha periódica de subsídios, bem como através de convénios com as editoras e as associações de profissionais da tradução. Aliás, a Lei estabelece como prioritária a tradução de “obras da literatura universal, así como daqueles textos que se consideren de referencia obrigada nos distintos ámbitos científicos e técnicos ou dos que se poidan empregar como manuais de estudo nas universidades galegas” (art. 6). Doutra parte, o texto prevê no seu capítulo V a criação do Consello Asesor do Libro. As funções deste órgão são, entre outras, elaborar informes de seguimento anuais ou bianuais dos índices de leitura da população galega e da produção editorial em galego, elaborar propostas de atuação para o fomento da leitura e a melhora do setor económico do livro, organizar trianualmente o Congreso do Libro Galego ou elaborar estratégias para a promoção do livro galego e a literatura galega no exterior (art. 26). A perspetiva de se cumprirem estas medidas pôde igualmente impactar no funcionamento das editoras; em qualquer caso, uma pesquisa simples em

Internet serve para comprovar como os objetivos deste órgão não estão a ser atingidos: quinze anos após a sua criação, não encontramos resultados sobre os informes e congressos previstos, enquanto a primeira proposta de fomento do hábito leitor no seu seio foi apresentada em 2019 (Xunta de Galicia 2019).

A completar o quadro legislativo que pôde condicionar a publicação de traduções no período em foco encontramos os decretos educativos “124/2007, polo que se regula o uso e a promoción do galego no sistema educativo”, e “79/2010, para o plurilingüismo no ensino non universitario de Galicia”. Estes textos regulam a presenza da língua galega –e, portanto, dos materiais docentes adequados– no ensino não universitário. Se bem que o foco deste trabalho não seja o livro de texto, o qual é afetado diretamente pelos decretos, podemos estabelecer uma relação tangencial entre a vigência destes textos legais e a produção e tradução de literatura infantojuvenil, concebida para um público em idade escolar.

No relativo às ferramentas conceituais, para além de recorrer às investigações do professor Lambert mencionadas acima, este TFM faz uso de uma metodologia empírica para se aproximar dos estudos literários, toda vez que as abordagens quantitativas e qualitativas contidas nele partem de dados objetivos de diferente natureza, dispostos relacionalmente. Aliás, essas abordagens são feitas empregando alguns conceitos da teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar e da aproximação sociológica à cultura de Pierre Bourdieu, nomeadamente os termos complementares de sistema (1990) e de campo (1989). Pola sua pertinência concreta aos efeitos deste trabalho, apontamos que um campo (1989: 2) é um espaço social de forças que agem sobre todos aqueles elementos que entram nele, uma mediação específica através da qual se exercem as determinações externas; neste sentido, falamos em campo editorial galego para identificar as práticas editoriais que envolvem exclusivamente o livro em galego, toda a vez que é no período

autonómico iniciado em 1978-1981 quando a língua galega passa a ser consensual e institucionalmente entendida pelo conjunto dos agentes do campo como única norma sistémica, isto é, como elemento delimitador da pertença a um determinado campo ou sistema (Torres Feijó & Samartim, 2018: 336).

A combinação deste quadro conceitual e dos critérios de seleção apresentados anteriormente resulta num conjunto de 447 registos de livros, correspondentes a 404 títulos únicos e associados a 25 editoras. Os dados sobre estas editoras e a sua produção traduzida serão explorados através da mencionada BD de livro galego no período autonómico. Com recurso a ela abordaremos a distribuição dos volumes de produção, a sua cronologia, os repertórios de género literário e língua fonte em que estes materiais se inscrevem e, por último, o papel da *normalização* atribuído à literatura traduzida no sistema cultural galego. O emprego da BD evidencia, aliás, que os objetivos deste trabalho condizem com o objetivo geral que norteia o Projeto Livro Galego, do qual este TFM é também resultado: aprofundar na análise do campo editorial galego desde 1978, para avançar assim no conhecimento geral do sistema cultural galego no período autonómico.

## 2. Estado da questão

Nesta altura, não conhecemos nenhum trabalho específico sobre a tradução literária das 25 editoras que começam a sua atividade em 2003 e que foram selecionadas em virtude de traduzirem obras literárias no período 2005-2012. Portanto, para nos aproximarmos do estado do conhecimento sobre o nosso objeto de estudo levaremos em conta achegas sobre a tradução na Galiza que tratem um ou vários dos seguintes parâmetros: algumas das editoras em foco, parte ou o conjunto dos anos selecionados, um determinado género literário ou uma metodologia empírica semelhante à empregada a este trabalho.

Para fixarmos o estado desta questão, resultam incontornáveis os trabalhos realizados desde o ano 2003 no seio do grupo de investigação BITRAGA da Universidade de Vigo, coordenado entre 2003 e 2017 pela professora Ana Luna Alonso e desde 2018 pela professora Silvia Montero Küpper. O resultado fundamental da atividade de BITRAGA é o *Catálogo da tradución galega*, uma ferramenta que recolheria inicialmente os dados do livro traduzido desde e para galego entre 1980 e 2005 (BITRAGA 2008: 141), mas que chega na atualidade até o ano 2013 (BITRAGA). Com recurso a este catálogo, os membros desta equipa da UVigo têm publicado diferentes achegas relevantes, tanto descritivas quanto críticas.

Com anterioridade à conformação do grupo, agentes próximos a BITRAGA têm procurado sistematizar e analisar a tradução galega; é o caso das panorâmicas de tradução realizadas por Gonzalo Constenla Bergueiro (1995, 1996, 1997a, 1997b, 1998<sup>a</sup>, 1998b, 1999a, 1999b, 2000, 2001, 2001-2002, 2003, 2003-2004, 2004). Uma vez conformado o grupo de investigação, as pesquisas do grupo da Universidade de Vigo têm-se concretizado em diferentes achegas. Dum lado, o próprio Constenla Bergueiro reuniu em 2013 as informações destes contributos com aquelas proporcionadas pelo *Catálogo da tradución galega* para traçar uma síntese da história da tradução literária na Galiza, desde as suas origens até 1999. Os dados apresentados para o último quarto do século XX resultam de especial interesse, pois colocam um ponto de comparação entre os anos selecionados neste trabalho e a época imediatamente anterior, especialmente quanto a géneros literários e línguas fonte. No relativo aos géneros, a literatura infantojuvenil ocupa 70% da produção, seguida de 9% de narrativa, 7% de teatro, 5% de banda desenhada, 5% de poesia e 4% de ensaio (Constenla Bergueiro 2013: 94). Por sua vez, as línguas fonte com uma representação mais relevante são o espanhol (21%), o francês

(19%), o inglês (17%), o catalão (16%), o alemão (9%) e o italiano (4%) (Constenla Bergueiro 2013: 96).

Doutro lado, integrantes de BITRAGA têm coordenado diferentes obras monográficas que reúnem diversas achegas sobre a atividade da tradução na Galiza, no relativo tanto à exportação (Luna Alonso, Montero Küpper & Valado Fernández 2011) quanto à importação (Luna Alonso, Fernández Rodríguez, Galanes Santos & Montero Küpper 2015). De modo mais específico, as professoras Ana Luna Alonso e Silvia Montero Küpper (2006) coordenaram uma monografia sobre literatura infantil e juvenil, a qual contém maioritariamente capítulos sobre a tradução no estado espanhol. Dum lado, o volume recolhe contributos de editoras catalãs, bascas, galegas... a descreverem as suas próprias políticas de importação, como o caso de Kalandraka –que criaria posteriormente o selo Faktoria K, parte da nossa população– (Alonso & Montero Küpper 2006: 39-43); doutro lado, o livro apresenta contributos críticos para o estudo deste fenómeno, como os “Quince puntos para o debate sobre Literatura Infantil e tradución” de Fran Alonso. O então subdiretor de Xerais sinala o aumento de títulos traduzidos para galego através da literatura infantojuvenil, mas confronta estes dados com a dependência do campo literário galego do sistema escolar e queda das vendas e das tiragens, enquanto sinala a ampla hegemonia do castelhano como língua fonte, seguida do inglês e do francês (Alonso 2006: 92).

Para além dos volumes citados, as pessoas que integram BITRAGA deram a lume outros contributos relevantes para nos aproximarmos do nosso objeto de estudo. Por exemplo, a professora Montero Küpper tem analisado as políticas tradutológicas da Xunta de Galicia (2013). No artigo referido, a autora avoga por uma “discriminación positiva” (Montero Küpper 2013: 47) tanto às importações quanto às exportações de literatura galega, ao tempo que descreve as ajudas públicas concedidas a estes produtos por parte

do Estado espanhol e da administração autonómica, um fator com uma alta capacidade de impactar na produção focada neste trabalho. Após introduzir brevemente as ajudas estatais, viradas para a exportação, Montero Küpper explica como a Xunta não contou com verbas específicas para o apoio à tradução até o ano 2006: os subsídios a esta atividade estavam incluídos nas ajudas gerais ao setor editorial (Montero 2013: 48). Em 2007 e até 2009, a administração autonómica concedeu fundos específicos para a importação e a exportação de literatura traduzida. Independentemente do caráter geral ou específico das ajudas, a autora sinala um sensível aumento na quantidade das verbas por parte do governo BNG-PSdeG, no contexto da Lei do livro, que foi interrompido no 2009 pelo novo executivo. As ajudas são novamente convocadas em 2010 com a maior dotação até a data, 300.000€ –quicá levando em conta a ausência de convocatória do ano anterior–, mas com valores decrescentes nos seguintes anos da primeira legislatura com Alberto Núñez Feijóo no poder (Montero Küpper 2013: 50-51). No tocante aos critérios de seleção, a autora constata a “liberdade e imprecisión” das convocatórias no presente milénio (Montero Küpper 2013: 51), mas chama a atenção para o interesse em produtos de suposto caráter “universal” ou “globalizador” que apresentam as últimas convocatórias na altura, de 2009 e 2011 (Montero Küpper 2013: 51), e comprova que todas as obras importadas contam com uma versão espanhola prévia (Montero Küpper 2013: 52). Após analisar estas circunstâncias, junto com o apoio logístico e em feiras do livro que as administrações fornecem, Montero Küpper (2013: 59) mostra-se favorável á criação duma comissão ou “Oficina do Libro” que oriente a administração autonómica na elaboração de critérios flexíveis para um maior aproveitamento dos recursos públicos, valorizando as pessoas profissionais da tradução, as editoras e as demandas sociais. Esta demanda, já agora, serve para mostrar o escasso impacto do Consello Asesor do Libro nos anos sucessivos à sua criação.

Mais recentemente, a professora Montero Küpper tem aprofundado na análise das subvenções à tradução editorial galega. Num contributo de 2017, a autora centra as convocatórias de ajudas públicas dirigidas às editoras privadas entre o começo da crise económica em 2008 até o ano 2016. Após resumir o percurso das quantidades orçadas nos últimos anos para as ajudas de tradução, o artigo incide na vaguidade dos critérios das convocatórias da Xunta até 2008 e recolhe as especificações feitas em seguintes convocatórias, como a mais alta valorização das obras recentemente premiadas (Montero Küpper 2017: 108) ou a escassa relevância até 2015 do curriculum da pessoa tradutora e os planos de distribuição (2017: 109). Para além destes critérios –e outros que afetam a exportação da literatura galega–, Montero Küpper sinala como elemento determinante o facto de as editoras não poderem optar às verbas públicas de não atingirem um 50% da pontuação, de modo que muitos dos projetos apresentados à convocatória ficam sem financiamento, embora o orçamento não seja adjudicado por completo (Montero Küpper 2017: 109-111). Como conclusão à sua pesquisa, a professora constata que nas políticas tradutológicas da administração galega impera um critério de acumulação de capital simbólico e um determinado “ideário político-cultural” (Montero Küpper 2017: 111), no canto de uma vontade de paliar as consequências da crise económica que o setor atravessava na altura (Montero Küpper 2017: 111). Aliás, para completar a sua reflexão, a autora aponta para um texto de Alejandro Tobar, fundador da editora especializada em tradução Hugin e Munin, parte da nossa população. Neste manifesto, Tobar denuncia a arbitrariedade e opacidade das ajudas públicas para a tradução galega e propõe uma série de medidas que poderiam, sob o seu juízo, corrigir esta situação, encaminhadas a atenderem adequadamente os objetivos da convocatória:

ampliar as cotas de produción editorial, mellorar a remuneración dos tradutores e tradutoras (algo fundamental) e, no caso concreto das axudas para o traslado de

literatura galega cara a outras linguas, para lle dar á cultura galega unha maior visibilidade fóra de Galicia. (Tobar 2014: 3)

Por sua vez, a profesora Luna Alonso tem centrado os seus esforços na análise dos comportamentos tradutolóxicos em línguas minorizadas, partindo da premissa de que os volumes e os tipos de tradución servem para diagnosticar a situación e as necesidades dessas línguas (Luna Alonso 2006). Em 2006, a autora radiografava a situación da tradución galega nos seguintes termos:

La situación actual no ha variado mucho, se importa más que se exporta y se traduce mucho desde el español como un modo de evitar un conflicto lingüístico que creemos suprimir al eliminar en apariencia el complejo de dependencia. En términos de diglosia, podemos constatar un rechazo consciente del sistema literario vehiculado por la lengua fuerte en busca de signos en el tiempo que puedan contribuir a identificar la cultura de la lengua débil. Aunque se hacen esfuerzos por seleccionar obras contemporáneas procedentes de otras culturas y quienes traducen son, además de los creadores, los profesionales que se han comenzado a formar en la Facultade de Filoloxía e Traducción de nuestra Universidad [Universidade de Vigo]; por lo que podemos observar, la normalización de nuestro sistema literario a través de la traducción sigue manteniendo un valor simbólico. Si, percibimos un cierto cambio en la norma operativa frente a décadas anteriores, sin embargo, la ausencia de criterios en la selección de las obras parece ser el criterio más empleado. (Luna 2006)

Ao tempo, a autora identificava quatro perspectivas que motivam a importação de literatura para o galego:

Por un lado, existe una mirada hacia la literatura escrita en lengua española que se presenta como una amenaza, una literatura que se querría ver como extranjera, aunque su presencia sigue siendo constante desde la escuela hasta la universidad, y sus códigos y modelos pasan a la escritura y a la formación del público lector desde pequeños. Existe también una mirada hacia lo extranjero imaginado como relativo, un extranjero que se ve como semejante, es el caso de Portugal (no carente de prejuicios). Tenemos la mirada solidaria, hacia otros sistemas extranjeros que se consideran más o menos análogos (como es el caso de Cataluña o el País Vasco, pero también el de las otras literaturas procedentes de espacios lejanos denominados "exóticos"). Y por último, existe una mirada hacia las

consideradas "grandes literaturas", relaciones importantes que se establecen en sentido único, que siguen teniendo interés en la actualidad [...] (Luna Alonso 2006)

A respeito deste texto, resulta de interesse incorporarmos para a sua leitura e melhor compreensão os diferentes tipos de referencialidade intersistémica acunhados pelo historiador Justo Beramendi (1991): referentes de afirmação, oposição, analogia e reintegração. Sob esta perspetiva, podemos identificar o sistema cultural galego como referente de afirmação, enquanto o espanhol cumpriria o papel de referente de oposição. Por diferentes motivos –como, por exemplo, partilhar o facto de o sistema literário estar veiculado numa língua minorizada, uma situação política semelhante, ou aspirar a atingir um grau de desenvolvimento e institucionalização já atingido no sistema que é percebido como referencial–, os restantes sistemas literários apontados por Luna Alonso constituiriam referentes de analogia ou emulação. Na discussão dos dados sobre a nossa população retomaremos brevemente esta questão.

No ano 2013, a professora Luna Alonso publicou um contributo que atualiza notavelmente o estudo das traduções galegas recentes. Neste artigo, Luna Alonso indica que a tradução está a transitar desde uma função de normalização linguística à função de normalização cultural (2013: 101), enquanto analisa a literatura traduzida para o galego segundo o volume de produção, o género literário, as línguas e espaços de procedência e a autoria das traduções. Quanto ao primeiro destes aspetos, a autora mostra que o número de traduções é descontínuo, porém mais elevando entre 2006 e 2009, quando os efeitos da Lei do libro foram mais notórios (Luna Alonso 2013: 105-106). Neste sentido, a autora aponta para a continuação da publicação de traduções por editoras consolidadas, mas também para o nascimento de projetos integrados na nossa população, como OQO, Urco, Rinoceronte ou Hugin e Munin, entre outras (2013: 106). Quanto a géneros literários, os dados constataam a predominância da narrativa, tanto para o público adulto quanto para o

infantojuvenil; este último tipo de publicações são, com muito, as mais numerosas, mesmo levando em conta a grande quantidade de relatos de aventuras e de mistério, que poderiam não estar apenas dirigidos ao público mais novo (Luna Alonso 2013: 108). No relativo às línguas fontes, a professora destaca a relevância do espanhol e do inglês, mas também do italiano e do português, ao tempo que assinala o funcionamento fluído e relativamente autónomo das traduções de literatura infantojuvenil entre as línguas do Estado espanhol (Luna Alonso 2013: 108-111). Para além dos já mencionados, Luna Alonso destaca a aparição de novos espaços culturais de importação, mediante antologias bilingues e coletâneas de narrativa breve, mas também de textos individuais de literaturas escandinavas, balcânicas ou asiáticas (Luna Alonso 2013: 111-114). Após analisar os fatores prévios, Luna Alonso dedica uma epígrafe do seu artigo a sintetizar os “fitos e tendencias” da tradução para o galego entre 2000 e 2013. Para o nosso estudo, resultam relevantes as menções ao labor de Urco na importação de literatura fantástica, de terror e de ciência-ficção; aos riscos assumidos por Barbantesa na tradução de poesia, ensaio ou autorias menos visíveis, ou aos ainda recentes catálogos de Franouren ou Hugin e Munin (Luna Alonso 2013: 118). Aliás, a professora da UVigo destaca os catálogos de literatura infantojuvenil traduzida de OQO, Faktoria K, Triqueta Verde ou Patasdepeixe, mas também a importação de banda desenhada por parte de projetos como El Patito Editorial, Demo Editorial ou Cerditos de Guinea (Luna Alonso 2013: 119-120).

Mais recentemente, Luna Alonso tem aprofundado nos casos de editoras com uma produção importante ou exclusiva de tradução para o galego, como OQO, Urco e Rinoceronte. Partindo dos seus catálogos e de entrevistas com pessoas responsáveis dos projetos na altura, a autora constata, por uma parte, que “deben manter o sistema de subscrición para poder sobrevivir” (Luna Alonso 2019: 46) e, por outra parte, que as três empresas têm uma intenção renovadora manifestada na combinação de textos clássicos e

contemporâneos que cubram espaços deixados pelas obras traduzidas para espanhol, com as quais concorrem no mesmo espaço leitor. Porém, enquanto Urco e Hugin e Munin parecem querer consolidar o seu capital cultural mais do que o económico, Rinoceronte procura a expansão em temáticas, públicos e capital económico enquanto dá maior relevo à importação de novidades de sucesso, cujos direitos pode pagar graças às ajudas que recebe da administração pública (Luna Alonso 2019: 46). Aliás, Luna Alonso destaca que, na prática, os planos de edição são “un xogo de equilibrios” entre a “novidade transgresora” e a “obra clásica inédita en galego” para segurar a sobrevivência económica mediante a subscrição (Luna Alonso 2019: 47).

Fora os contributos do grupo BITRAGA, existem alguns outros textos que achegam informações sobre o panorama da tradução para o galego no período 2005-2012, nomeadamente quanto a práticas dalgumas editoras da nossa população. Por um lado, Manuel Bragado dedica um breve texto de 2013 a analisar a situação da tradução para o galego. O que fora diretor editorial de Xerais qualifica esta prática como deficitária quantitativamente, dependente das traduções do espanhol e do que o autor denomina órbita “paraescolar” (2013: 222). Bragado destaca, entre outros de maior trajetória, três dos projetos que configuram o nosso objeto de estudo, cujos catálogos têm servido para neutralizar as tendências identificadas pelo autor: Rinoceronte Editora, Hugin e Munin e 2.0 Editora. De Rinoceronte, Bragado sublinha o seu carácter pioneiro como primeira editora galega especializada em tradução e a sua função de “revulsivo” para o sector (2013: 224). Por sua vez, Hugin e Munin é destacada pelo seu método de distribuição por subscrição e pela sua vontade de traduzir literatura estrangeira “de prestixio” (2013: 225) para o público galego. Finalmente, 2.0 Editora é mencionada pela ampliação das traduções no seu catálogo desde 2009.

Por outro lado, um recente artigo de Míriam Sánchez Moreiras (2019) realiza um estudo de caso das editoras Kalandraka e OQO. Nele, a autora analisa como ambas as editoras exploram o equilíbrio entre um produto de qualidade com o valor acrescentado de proceder do contexto de uma cultura minorizada e a posta em circulação desses produtos no mercado global (Sánchez Moreiras 2019: 26). A este equilíbrio a autora soma a preocupação dos dois projetos pelo diálogo com as demais literaturas ibéricas, a valorização das línguas minorizadas ou a promoção da leitura, entre outros fatores, afirmando que as práticas das duas empresas constituem um modelo editorial exitoso e sustentável (Sánchez Moreiras 2019: 26).

O nosso estudo parte, portanto, dum panorama geral caracterizado em base a um apoio instável por parte da administração autonómica, à dependência do sistema cultural espanhol e a umas práticas tradutológicas eurocêntricas –nomeadamente, desde línguas centrais como o inglês, o francês, o italiano, ou incluso o português–, encaminhadas para o capital simbólico, mas com indícios duma mudança de rumo cara às práticas mercantis e uma relativa diversificação de sistemas de importação. Destaca, também, a grande quantidade de títulos traduzidos ao galego que já contam com uma tradução ao espanhol, subsidiados aliás pela administração autonómica galega. Este facto, o qual nos limitamos apenas a sinalar dada a falta de ferramentas com que contamos na atualidade para realizarmos uma exploração exaustiva, constitui um indício muito significativo do relacionamento entre os sistemas literários galego e espanhol em termos de dependência.

No relativo às ideias postas em jogo pelos contributos revistos, destacamos principalmente a conceição da tradução como uma atividade intrinsecamente *normalizadora*, em virtude da qual é atribuída à administração autonómica a responsabilidade de propor uma planificação tradutológica maciça, através de organismos e subsídios específicos. Aliás, vários destes textos chamam a atenção para a

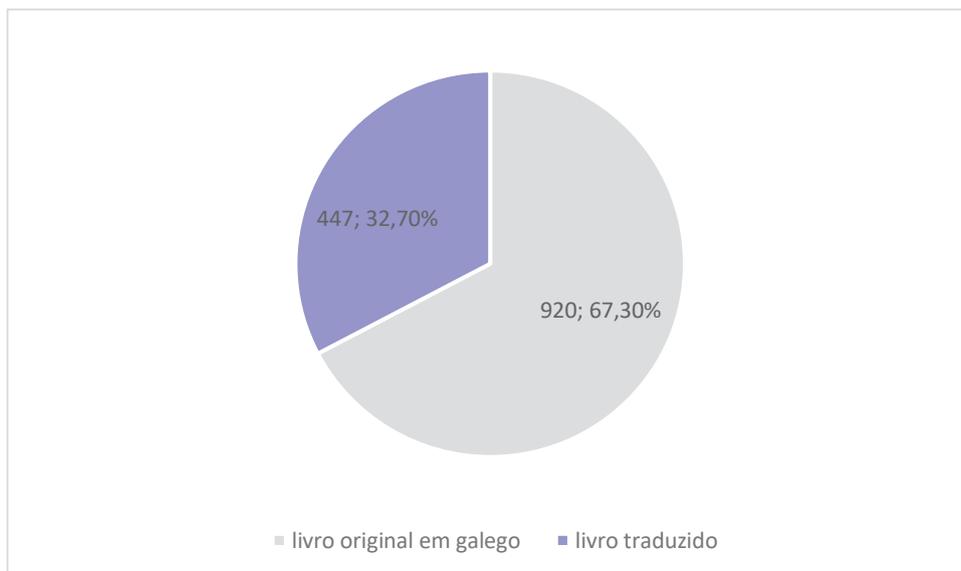
predominância dos produtos destinados a um público em idade escolar e para a progressiva profissionalização das pessoas tradutoras, à par duma maior incorporação de mulheres ao subcampo, tanto como autoras quanto como mediadoras. Nas seguintes páginas comprovaremos a adequação deste quadro discursivo e das circunstâncias mencionadas à nossa população.

### 3. Apresentação e discussão dos dados levantados

Aos efeitos da fluidez na redação, optamos por apresentar os dados e discuti-los na mesma epígrafe atendendo, em todo o caso, a ponderação da literatura traduzida pelas 25 editoras que compõem a população deste trabalho, em relação com cinco aspetos: a distribuição das editoras em função dos seus volumes de produção total e traduzida, a distribuição cronológica dessa literatura traduzida, os géneros literários a que se adscrive, as línguas de que foi traduzida e, por último, o funcionamento da ideia de normalização em base às explorações feitas nos quatro parâmetros prévios.

#### 3.1. Distribuição da produção de literatura traduzida

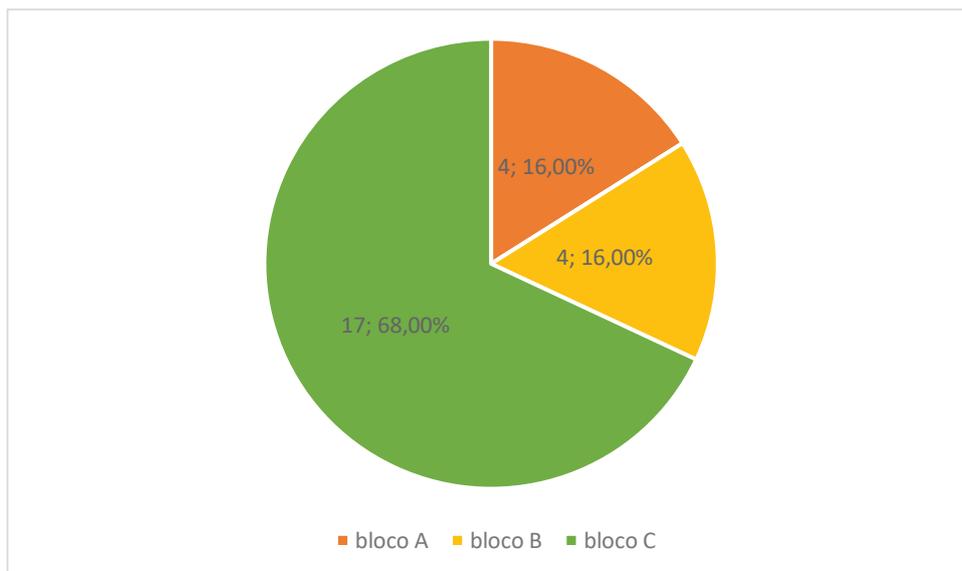
Antes de realizarmos qualquer tipo de abordagens ao nosso corpus, é preciso dimensionarmos a produção que iremos estudar. No estado atual dos dados na BD, o ponto de referência mais fiável para estabelecermos o impacto da literatura traduzida é a produção das 100 editoras que começam a publicar a partir de 2003, identificadas em Cernadas (2020: 2). Assim, o primeiro dado que devemos colocar é que apenas 25% destas empresas importam literatura por via da tradução. Aliás, como mostra a figura 1, o volume de produção traduzida destas editoras é próximo a um terço do conjunto dos seus catálogos.



*Figura 1: proporção de livros traduzidos para o galego sobre o conjunto da produção das 25 editoras selecionadas<sup>1</sup>*

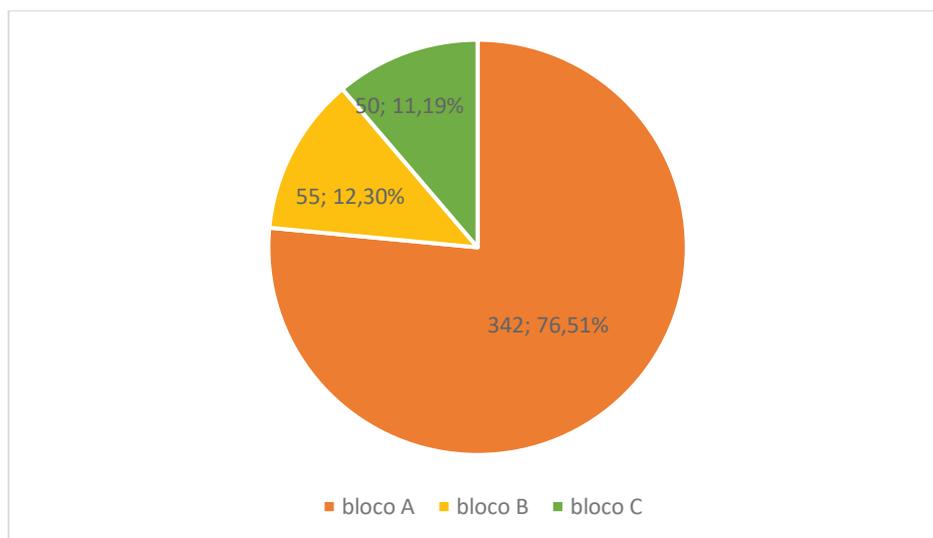
Quando descrevemos a produção das 100 editoras mencionadas (Cernadas 2020), resultou operativa a classificação em três grupos destes projetos em atenção aos volumes de publicação (mais de 100 títulos publicados, entre 99 e 10 títulos e menos de 9 títulos). Porém, na hora de descrevermos e analisarmos a produção traduzida por estes agentes no período 2005-2012 julgamos pertinente agruparmos as editoras em função do volume de obra traduzida, pois existem algumas diferenças notáveis entre o impacto quantitativo da produção dessas 100 editoras no conjunto do grupo e a relevância delas no subcampo da tradução; o contraste entre as duas classificações pode ser consultado no Anexo II. Foram estabelecidos, portanto, três grupos de editoras (mais de 20 títulos traduzidos, entre 19 e 10 e menos de 9), cuja distribuição ilustra a figura 2.

<sup>1</sup> Todas as figuras apresentadas são de elaboração própria e empregam como fonte a BD do Projeto Livro Galego.



*Figura 2: distribuição das editoras em blocos*

Por sua vez, a figura 3 apresenta a distribuição da produção traduzida por esses três blocos de editoras.



*Figura 3: distribuição da produção traduzida correspondente a cada bloco de editoras*

O confronto entre as figuras 2 e 3 permite observar que a produção traduzida está concentrada num conjunto restrito de 4 editoras nascidas nos primeiros anos do período em foco (Anexo I), as quais conformam o bloco A: OQO Editora, Faktoria K de Libros, Rinoceronte Editora e Urco Editora. Em primeiro lugar, Rinoceronte é um selo especializado em tradução para público adulto, com um total de 74 referências no seu catálogo que o situam numa posição intermédia dentro da produção das editoras nascidas

desde 2003. Porém, um total de referências traduzidas sensivelmente superior a 20 coloca-o no bloco A (Anexo II). Por seu lado, OQO e Faktória K mantêm catálogos virados para o público infantojuvenil e ritmos médios de publicação traduzida anual de 41 e 21 títulos, respetivamente. Os 35,73% de traduções no catálogo de OQO e os 47,7% no de Faktoria K localizam ambas as editoras nos blocos de maior produção, quer traduzida, quer geral (Anexo II). Finalmente, Urco dedica-se a publicar literatura de terror, ciência-ficção e mistério, géneros *a priori* abertos a todos os públicos, mas geralmente associados ao leitorado juvenil. Novamente, uma média de 20 títulos anuais no período estudado e 56,09% de produção traduzida colocam esta editora nos primeiros blocos, tanto ao falarmos em volumes de produção geral como de literatura traduzida (Anexo II).

O bloco B de editoras quanto a sua produção traduzida está formado também por 4 projetos: SM Xerme, El Patito Editorial, Patasdepeixe Editora e Hugin e Munin. O primeiro deles, Xerme, faz parte das editoras nascidas desde 2003 com maior produção, mas conta apenas com 12,58% de títulos traduzidos; a sua produção, para além do livro de texto não considerado neste trabalho, contempla principalmente a literatura infantojuvenil. De resto, El Patito Editorial e Patasdepeixe –outra vez, projetos focados na literatura infantojuvenil, como veremos– mantêm uma produção geral intermédia (Anexo II), com volumes de tradução de 24,52% e 72,22%, respetivamente. Por último, Hugin e Munin, mais um projeto especializado em tradução para um público adulto, tem apenas dois anos de trajetória no período estudado, de modo que a sua produção é apenas de 11 títulos, mas consiste 100% em obras traduzidas. Vale a pena destacarmos também que quanto maior é o volume de produção geral menor é a percentagem dessa produção dedicada a obra traduzida.

Finalmente, o bloco C é aquele que agrupa um maior número de editoras (17). Nele observamos novamente a tendência identificada no bloco B, pela qual as editoras com mais produção total apresentam uma menor percentagem de obras traduzidas. Este é o caso de Biblos Clube de Lectores e de Difusora de Letras, Artes e Ideas: duma parte, Biblos integra com 113 obras o bloco 1 de produção geral para as editoras nascidas desde 2003 no período 2005-2012, mas conta unicamente com 4 (3,53%) títulos traduzidos (Anexo II); doutra parte, Difusora de Letras, Artes e Ideas conta com a notável quantidade de 83 títulos no período, mas, desses títulos, apenas 1,20% (1) é traduzido (Anexo II). No outro extremo, projetos como Edicións da Curuxa ou Triqueta Verde dedicam 100% e 75% dos seus reduzidos catálogos à importação de literatura por via da tradução. As proporções de livro traduzido sobre a produção de cada uma das editoras podem ser consultadas no Anexo III.

Em síntese, a distribuição que acabamos de comentar servirá nas seguintes epígrafes para descrever de jeito mais preciso a produção selecionada, de acordo com os parâmetros de cronologia, género literário e língua fonte.

### 3.2. Cronologia

Analisaremos a seguir a produção traduzida das 25 editoras selecionadas do ponto de vista cronológico. A figura 4 mostra o número de traduções literárias publicadas por estas editoras em cada ano do período 2005-2012, no geral e segundo os blocos estabelecidos na alínea anterior.

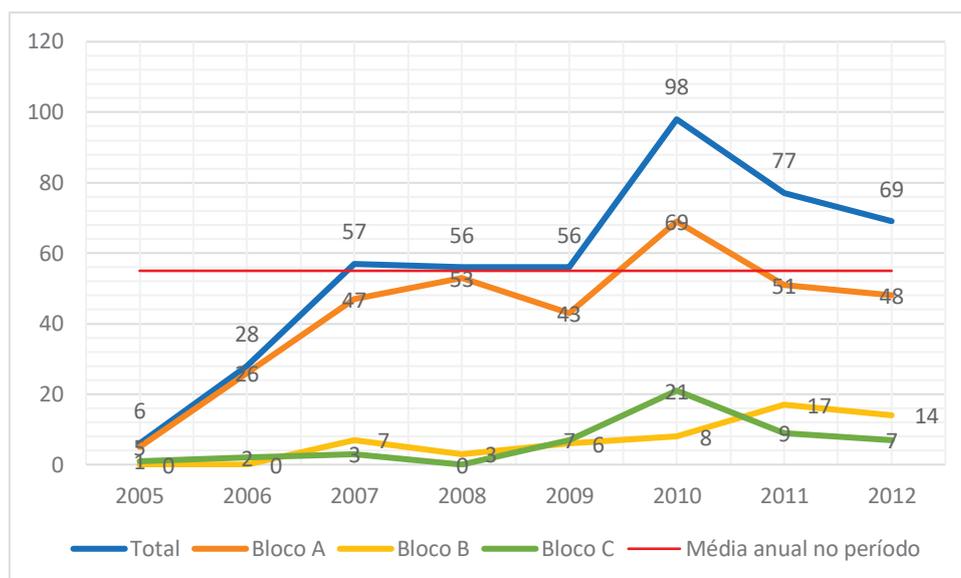


Figura 4: distribuição cronológica da produção traduzida pelas editoras em foco, total e por blocos

O ponto de partida é um mínimo de 6 livros no ano 2005; nesta altura, apenas 4 editoras criadas desde 2003 operavam neste subcampo, enquanto outras três acabavam de inaugurar a sua atividade (Anexo I). A partir desta data, a produção traduzida começa a ascender até um máximo de 98 títulos no ano 2010, para descer até as 69 publicações no final do período.

Em relação com os anos posteriores ao máximo de produção, é destacável que os volumes de publicação desçam a pesar da incorporação ao campo editorial galego de 7 novas editoras (Anexo I). *A priori*, a presença dum maior número de agentes no subcampo poderia significar mais produção; porém, com recurso à BD verificamos que, enquanto as editoras pertencentes aos blocos A e B continuam a publicar traduções nos anos 2011 e 2012 –embora em menor volume–, muitos dos projetos do bloco 3 não contam com nenhuma tradução nestes anos: em 2011, apenas 6 das 17 editoras que conformam o grupo (Corsárias Livros, Estaleiro, Axóuxere, Franouren, 2.0 Editora, Barbantesa e Edicións da Curuxa) deram a lume livros traduzidos; em 2012, foram também 6 as editoras do bloco C envolvidas na publicação de traduções, 3 delas por primeira vez (Morgante, Meubook

e Ézaro) e 3 com participação no subcampo no ano anterior (Axóuxere, Barbantesa e Edicións da Curuxa).

A evolução cronológica mostrada na figura 4 difere da distribuição dos volumes de publicação no conjunto do campo editorial galego a partir de 2003, o qual experimentou o seu número máximo de publicações em 2008 (Cernadas 2020: 22). Contudo, os volumes de produção traduzida condizem com os volumes de publicação total das 100 editoras incorporadas desde 2003, pois o número de publicações destes projetos também alcançou a sua cifra mais alta em 2010 (Cernadas 2020: 22). Anteriormente apontamos que a produção geral das editoras nascidas a partir de 2003 era relativamente estável, graças a estratégias que implicam maior autonomia do mercado e das instituições públicas (Cernadas 2020: 23), como o modelo de subscrição que implementam projetos como Biblos ou Hugin e Munin. Porém, os dados sobre as ajudas à tradução e a gráfica apresentada acima permitem-nos observar que tal estabilidade não se verifica no subcampo da tradução, quando menos no período em foco.

Em termos de estabilidade e autonomia, confrontarmos a produção traduzida do ano 2010 com as ajudas à tradução concedidas pelo governo galego nesse ano resulta esclarecedor. A ordem de convocatória destes subsídios estabelece uma dotação de 300.000€ (art. 2), a qual, como referido no estado da questão, foi a mais elevada do período. No Anexo I da resolução da convocatória de ajudas encontramos cinco editoras da nossa população: Urco (através da empresa de serviços editoriais Edizer Scp) com 19 títulos subvencionados, Faktoria K de Libros com 6, Rinoceronte Editora com 15, Triqueta Verde com 1 e Edicións Barbantesa (através de Xestión Literaria Galega S.L.) com 3. Portanto, 44,89% das traduções publicadas pelas editoras em foco no ano 2010 dependeram dos subsídios autonómicos. A isto cumpre acrescentarmos a estratégia de concorrência às ajudas implementada por Kalandraka / Faktoria K: tanto o selo matriz

quanto o criado em 2005 apresentaram propostas à convocatória de subsídios no ano 2010, participando como empresas distintas; porém, a observação dos títulos na BD –e até as confusões na ligação destes títulos a uma ou outra editora nas fontes de que parte esta ferramenta<sup>2</sup>– permite constatar que, em realidade, Faktoria K funciona como uma coleção de Kalandraka que serve, entre outros propósitos, para optar a mais possibilidades de financiamento externo. Em qualquer caso, a análise dos títulos presentes na resolução das ajudas de 2010 permite observar uma tendência à heteronomia do subcampo da tradução em relação com o campo do poder na nossa população. Em contraste, os anos imediatamente posteriores à promulgação da Lei do libro e prévios à mudança de governo mostram uma produção estável por volta da média do período (55 títulos).

Se repararmos na cronologia da produção traduzida em função dos blocos, observamos mais alguns dados relevantes. Antes de mais, indicaremos que a mediana de títulos traduzidos por cada uma das editoras selecionadas é de 4 títulos, embora a média de produção do período seja de 55. Este dado soma-se à evolução da produção por blocos apresentada na figura 4, a qual corrobora a concentração da produção no bloco A. No relativo a este bloco, a figura 4 também mostra como ele foi o grupo de editoras que mais acusou a ausência da convocatória de ajudas em 2009, pois, ao contrário que os restantes blocos, que aumentam a sua produção, o bloco A mostra um descenso no seu ritmo de publicação até os 43 títulos. Esta quantidade pode ser considerada a mínima do bloco, sendo que é a mais baixa desde que as quatro editoras do grupo estão presentes no campo (Anexo I). Logo após esta mínima, comprovamos que o bloco A é o principal responsável do máximo total de títulos em 2010 e que as ajudas à tradução foram determinantes para

---

<sup>2</sup> Dos 6 títulos traduzidos de Faktoria K subsidiados no ano 2010, apenas 2 figuram na BD com a atribuição a este selo. Os quatro títulos restantes não tem sido levados em conta neste trabalho, pois julgamos que a revisão da atribuição dos títulos a cada um dos selos (Kalandraka ou Faktoria K) deve ser um processo maciço no conjunto da BD, ante a possibilidade de novos erros deste tipo. Isto, por enquanto, excede o nosso objeto de estudo.

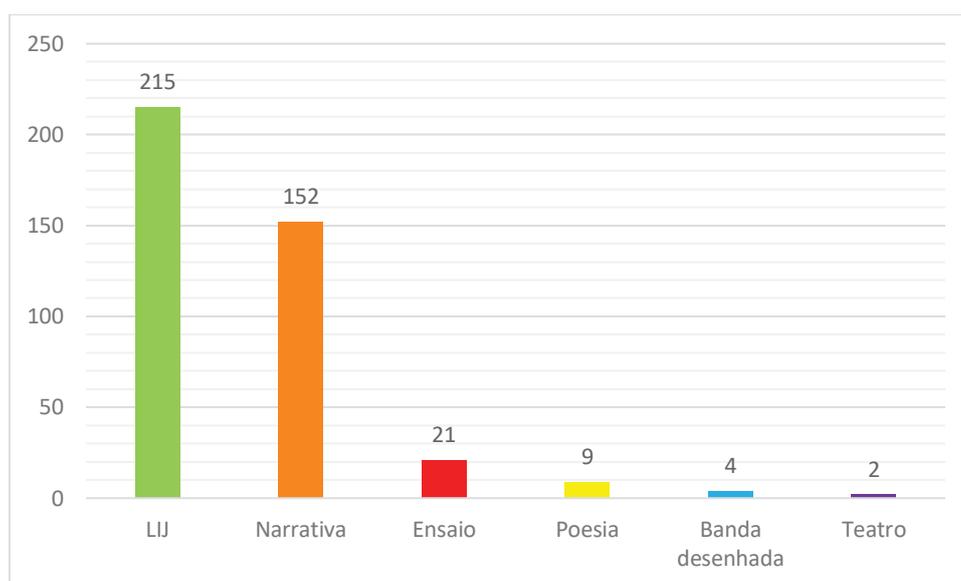
este fito: dos 69 títulos publicados neste ano por Urco, Faktoria K, Rinoceronte e OQO, 52,17% (36) foram apoiados pelas verbas públicas galegas, sendo Urco e Rinoceronte as grandes beneficiadas.

Por sua vez, o bloco C parece seguir também a tendência geral, com o máximo de títulos traduzidos em 2010. Neste caso, as ajudas de 2010 não parecem ter sido determinantes, mas si parcialmente relevantes: duas editoras deste bloco, Triqueta Verde e Barbantesa, conseguiram financiamento para um total de 4 títulos. Para completarmos a informação sobre os dois blocos comentados, teria sido conveniente que os títulos excluídos da ajuda fossem também refletidos na resolução da convocatória: se fossem publicados os títulos não subsidiados –como reclamam agentes do subcampo da tradução (Tobar 2014: 19)–, poderíamos verificar a hipótese de se as editoras planificam as novidades do seu catálogo levando em conta a possibilidade de receber uma ajuda e, ante a negativa da administração, decidem continuar com a publicação dalguns desses títulos.

Finalmente, o bloco B mostra uma dinâmica levemente distinta do resto de editoras. O máximo de produção traduzida destes projetos não está em 2010 –ano em que nenhuma das quatro editoras deste grupo conseguiu ajudas autonómicas–, mas em 2011. Por trás desta cifra encontramos a publicação por parte de El Patito Editorial, Patasdepeixe e SM Xerme de três coleções de literatura infantil: o conjunto de atlas ilustrados “Isto é...” –iniciada já em 2010–, a série 4 de livros “A toupiña” e a série “Pupi”, também de 4 títulos. Estas duas últimas coleções foram continuadas em 2012, o qual, ligado ao aumento de títulos por parte de Hugin e Munin –que, como vimos, está especializada em tradução e mantêm um ritmo de publicação estável pelo sistema de subscrição– permitiram a este bloco superar o umbral da dezena de títulos traduzidos anuais no final do período.

### 3.3. Géneros literários

A distribuição por género literário do conjunto da produção traduzida é apresentada na figura 5. Nela destaca a ampla maioria de títulos para o público infantojuvenil (53,35%)<sup>3</sup>, seguida da narrativa (37,72%), enquanto o resto de géneros são muito minoritários ou até residuais: o ensaio representa 5,21% dos títulos importados, a poesia, 2,23%, a banda desenhada, 0,99%, e o teatro, apenas 0,5%.



*Figura 5: distribuição do conjunto da produção traduzida por géneros literários*

A distribuição apresentada confirma a tendência à dependência da produção estudada da literatura para o público em idade escolar, como sinalado por Alonso (2006: 92 e ss.), Bragado (2013: 222) e Luna Alonso (2013: 108). O confronto entre esta classificação e a indicada por Constenla Bergueiro (2013: 94) para o período 1976-1999 –feito com a devida prudência, pois o objeto de estudo deste autor é a tradução de todas as editoras do campo– mostra, porém, como a narrativa ganha maior relevância (de 9% a 37,72%), em detrimento, precisamente, da literatura infantojuvenil: de representar 70% dos livros

<sup>3</sup> A informação contida na BD está ainda em processo de revisão e normalização, de modo que ainda não é plenamente confiável neste sentido. Portanto, neste trabalho decidimos não especificar os diferentes géneros literários presentes na literatura para o público infantil e juvenil. Contudo, a observação do conjunto de referências que mostram esta informação permite assinalar uma tendência ao predomínio da narrativa.

traduzidos a finais do século XX, este tipo de materiais supõe na nossa população 50,35% da produção. Quanto ao resto de géneros, minoritários em ambos os casos, observamos como a ordem da sua representação é invertida: o ensaio, único género que cresce percentualmente em referências traduzidas, passa de representar 4% a 5,21%; a poesia desce de 5% a 2,23%; a banda desenhada recua de 5% a 0,99% e, por último, o teatro desce também drasticamente de 7% a apenas 0,5%.

Uma análise mais pormenorizada dos géneros literários, em função dos blocos apresentados previamente, permite conhecer melhor as estratégias das 25 editoras selecionadas. Em primeiro lugar, como mostra a figura 6, o bloco A destaca pela predominância da literatura infantojuvenil, seguida da narrativa. Esta distribuição condiz basicamente com a distribuição geral mostrada acima, algo lógico levando em conta que este bloco acumula 76,51% da produção traduzida em foco. Apesar de não superarem 5% das referências, todos os restantes géneros considerados aparecem entre os títulos deste grupo.

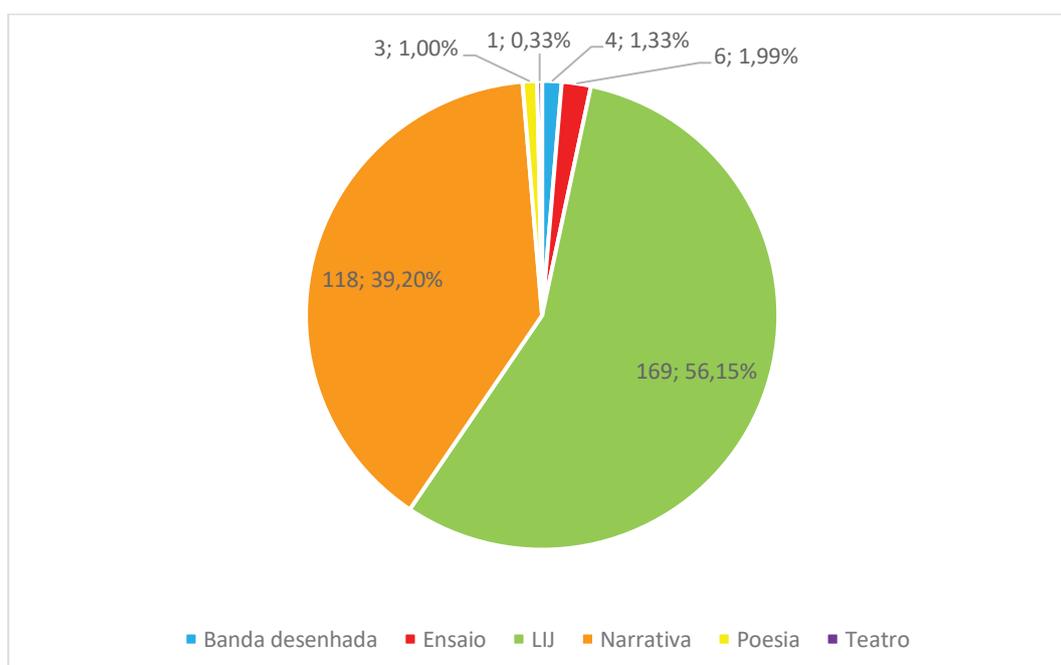


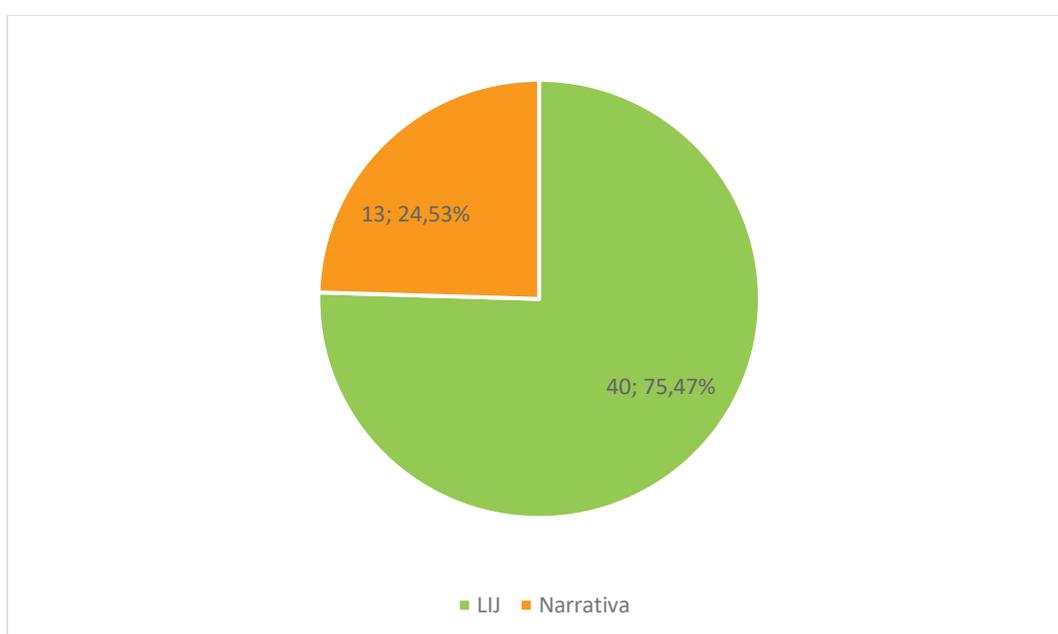
Figura 6: distribuição da produção traduzida por géneros literários no bloco A

Quando em trabalhos anteriores (Cernadas 2020: 30) aventuramos hipóteses sobre o conjunto da produção das editoras nascidas a partir de 2003, indicamos que as empresas de maior produção pareciam confiar na literatura infantil e juvenil e na narrativa para se sustentarem (Cernadas 2020: 30). Agora, com novos dados normalizados ao nosso dispor, confirmamos esta tendência para o subcampo da tradução. As editoras de maior produção geral presentes no bloco A (OQO, Urco e Fatoria K) são as principais responsáveis da importação de literatura infantojuvenil –levando em conta a ambivalência já comentada das publicações de Urco–; de facto, OQO especializa-se completamente neste género. Por sua vez, Rinoceronte, que não supera a centena de títulos gerais (Anexo II), aposta pela narrativa para público adulto num 83,09% do seu catálogo.

Estas práticas editoriais, de carácter mais industrial, unidas ao apoio institucional comentado acima, permitem aos projetos do bloco A –fora OQO– dedicar uma mínima parte dos seus catálogos à publicação de alguns títulos de géneros minoritários, em línguas que, como veremos, aparecem pouco representadas. Neste sentido, é especialmente significativo o caso de Rinoceronte. Toda a poesia traduzida editada pelo bloco A corresponde a esta editora: o poema épico anglo-saxão *Beowulf* (2010) –subsidiado pelas ajudas autonómicas em 2010–, as *Poesias do desamor e outras poesias dispersas* (2009) do italiano Cesare Pavese e *Só o silencio me responde* (2007), da russa Ana Akhmatova. Rinoceronte é também responsável da publicação de três dos seis ensaios do bloco: a sátira *As leis fundamentais da estupidez humana* (2009) do italiano Carlo Cipolla, o ensaio estético *Eloxio da sombra* (2010) do japonês Tanizaki Junichiro e o conjunto de epigramas *Herbario* (2006) do húngaro Sándor Márai. Completam o catálogo deste projeto o único texto dramático do bloco A (*Variacións enigmáticas* [2010], do francês Eric-Emmanuel Schmitt) e quatro referências de banda desenhada: três de autores estadunidenses (*Contrato con Deus* [2010] de Will Eisner, *Entender o cómic* [2011] de

Scott McCloud e *Na procura de Ed o riseiro* [2012] de Kim Deitch) e a novela gráfica *Persépole* (2011), da autora iraniana em língua francesa Marjane Satrapi.

A produção traduzida ligada ao bloco B, doutra parte, contém apenas títulos de narrativa e literatura infantojuvenil. Este género é maioritário com muita diferença, como pode ser apreciado na figura 7. Esta distribuição condiz com o facto de que três das editoras do grupo (Patasdepeixe, SM Xerme e El Patito Editorial) estão especializadas na produção destes materiais.



*Figura 7: distribuição da produção traduzida por géneros literários no bloco B*

Em epígrafes anteriores comprovamos que, a maior produção geral, as editoras do bloco B dedicavam uma proporção menor dos seus catálogos à tradução. Sendo que a literatura infantojuvenil ocupa 75,47% da produção do bloco B, é obvio que esta dinâmica também se verifica neste género. Nos casos de El Patito Editorial e SM Xerme, com uma proporção baixa de literatura traduzida (Anexo III), os catálogos são completados com obras infantojuvenis não traduzidas; no caso de Patasdepeixe, porém, observamos uma alta presença da tradução (Anexo III). Finalmente, a representação da narrativa para público adulto procede inteiramente do catálogo de Hugin e Munin.

Por último, como reflete a figura 8, o bloco C é o mais equilibrado quanto a géneros. A narrativa é maioritária, mas com apenas 2 pontos de diferença sobre o ensaio, enquanto a poesia e a literatura infantojuvenil representam 14% da produção do bloco, respetivamente. Os 2% restantes procedem dum único texto dramático (*Na meta* [2010], do austríaco Thomas Bernhard), o qual representa também o único texto traduzido pela editora Difusora de Letras, Artes e Ideias, com 83 títulos na produção geral (Anexo II).

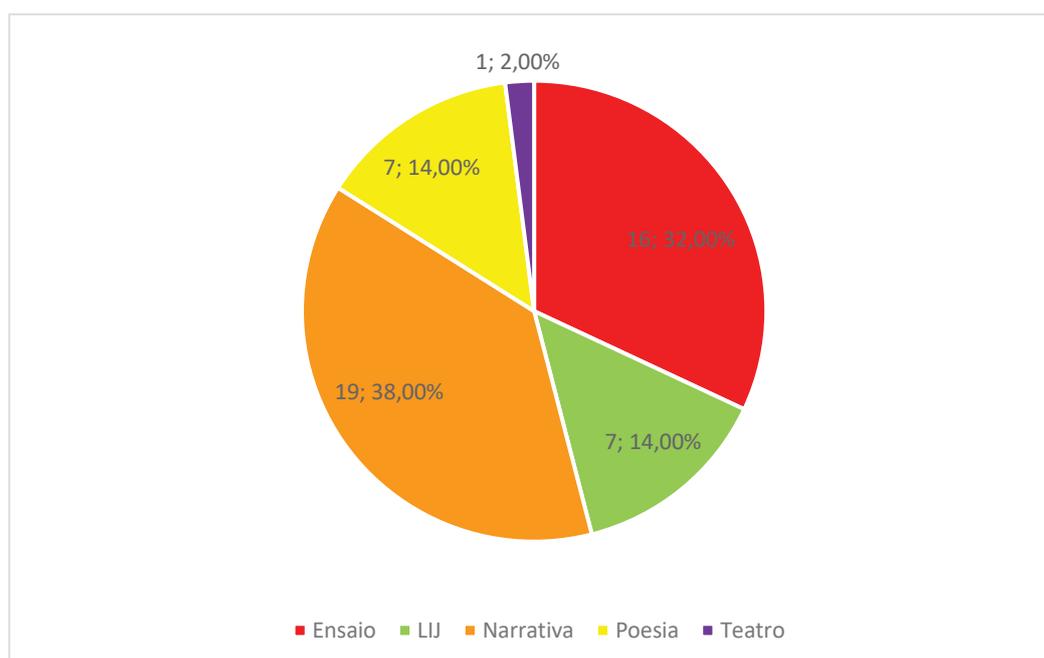


Figura 8: distribuição da produção traduzida por géneros literários no bloco C

A distribuição apresentada na figura cobra significado levando em conta que o bloco C integra a maior quantidade de editoras com uma produção geral baixa (Anexo II). Em abordagens prévias sobre o nosso banco de dados (Cernadas 2020: 30) apontamos que as editoras com menores volumes de produção pareciam entender o trabalho editorial dum jeito mais artesanal, com menor atenção às tendências hegemónicas –as quais privilegiam a narrativa e a literatura infantojuvenil– e uma maior atenção à poesia. No âmbito da tradução, confrontando estas afirmações com os dados sobre o bloco C, podemos observar como a poesia é, com efeito, mais relevante neste grupo de editoras de menor produção do que nos blocos A e B. Uma consulta aos registos destes títulos poéticos na BD permite

identificar duas motivações opostas para a importação deste género por parte das editoras do bloco C: duma parte, o interesse por temáticas e línguas não hegemónicas —e, até certo ponto, títulos ligados ao ativismo— fica patente em títulos como a antologia de poetas etíopes *As que rubimos montañas* (2012), publicada por Meubook em parceria com Implicadas no desenvolvimento, mas também em três títulos de Barbantesa: *Carné de identidade* (2012) do poeta palestino Mahmud Darwix, a auto-tradução do islandês de *O mariñeiro com cabalos matutinos baixo o vestido* (2011), de Elias Knör, ou *Poemas de África lonxe* (2010), dos autores angolanos Jorge Arrimar e Eduardo Bettencourt. Doutra parte, Edicións da Curuxa concentra os seus esforços na importação de textos clássicos do cânone ocidental: o *Cancioneiro* (2012) de Petrarca e uma antologia de poesia provençal, *Os trovadores de Occitania* (2011).

No nosso TFG chamamos também a atenção para a escassa presença do ensaio em todos os blocos de produção geral para o período 2003-2019 (Cernadas 2020: 30). Neste sentido, o dado que mais chama a atenção para o bloco C de editoras com produção traduzida é a alta percentagem de ensaios importados por este segmento da nossa população. Verificando quais foram as editoras responsáveis pela publicação destes títulos, podemos afirmar que tais textos encontraram um espaço no mercado editorial não oferecido pelas editoras de maior volume de publicação. Dentro do bloco, alguns exemplos paradigmáticos de editoras proclives a publicarem textos ensaísticos fora da lógica mercantil são 2.0 Editora, cuja linha editorial inclui “ensaio, investigación académica, tecnoloxía e empresa, comunicación e língua” (2.0 Editora) e que publica 6 ensaios traduzidos no período em foco; Axóuxere Editora, que declara na apresentação do seu site web ser “parte desa liña de fuga creativa que segue a abrir, constante e paseniñamente, portas a novas ideas, conceptos, percepcións e sentimentos” (Axóuxere Editora) e conta com 3 importações de ensaio nas datas estudadas; ou Estaleiro editora,

que intervém no campo desde o associacionismo, de jeito independente e sem ânimo de lucro (Estaleiro Editora) e dá a lume 2 ensaios traduzidos desde a sua criação em 2006 até o ano 2012.

Finalmente, a produção do bloco C inclui também 7 títulos de literatura infantojuvenil, distribuídos entre 7 editoras. Duma parte, as três traduções publicadas por Triqueta Verde entre 2005 e 2012 pertencem a este género; uma delas, *A aprendizaxe de Betsy*, da influente educadora estadounidense Dorothy Canfield Fisher (2010), foi subsidiada em 2010 pelo governo galego. Os restantes títulos infantojuvenis ligados a este grupo foram publicados por três editoras diferentes: Cerditos de Guinea Cómics (*A caixa de Pandora* [2010]), Todogrove (*A estrela e o seu destino* [2010]) e Biblos (*Fedorenta, unha meiga porcallenta* [2006], *Fedorenta e a vinganza dos trasnos* [2007]). Nos casos de Todogrove e Biblos, empresas dedicadas a publicarem todo tipo de géneros, resulta significativo observar que, ainda que de jeito anedótico, a literatura infantojuvenil está presente nos seus catálogos. Isto pode ser ligado a que, à vista dos dados, a literatura infantojuvenil outorga mais garantias de sucesso mercantil, e, portanto, da permanência das empresas no campo editorial.

Em soma, o bloco C mostra-se como o mais diversificado quanto a géneros e o mais equilibrado quanto a línguas de partida. Isto, ligado a uma menor produção, aponta para um certo afastamento destas editoras das lógicas mercantis e das dependências institucionais.

### 3.4. Línguas fonte e sistemas de importação

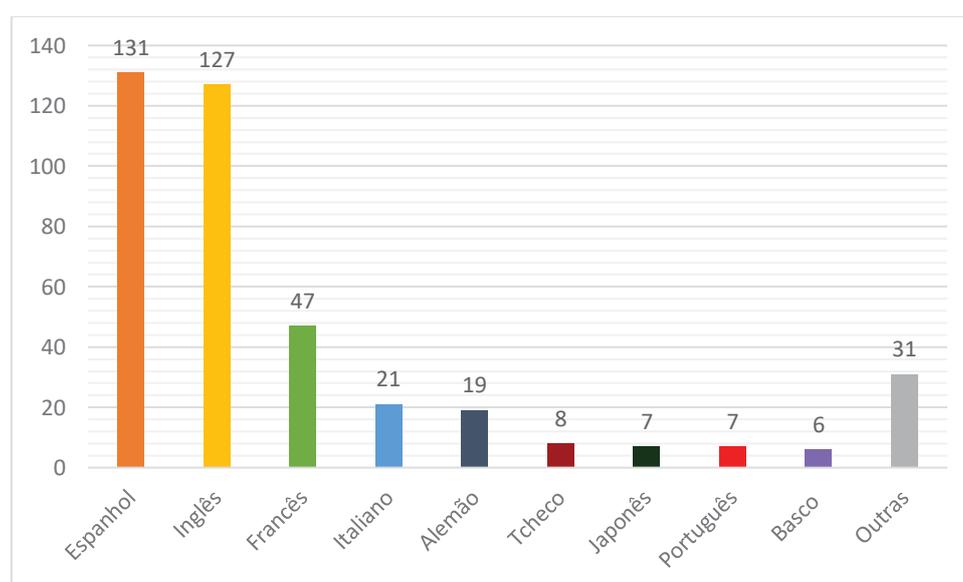
No estado atual dos trabalhos com a BD, contamos já com informação suficiente para explorarmos as línguas de partida das traduções publicadas pela nossa população, algo

que tinha ficado apenas rascunhado nas primeiras aproximações ao nosso objeto de estudo (Cernadas 2020: 33). A distribuição dos títulos por línguas fonte é recolhida na tabela 1:

Língua fonte	Número de títulos
Espanhol	131
Inglês	127
Francês	47
Italiano	21
Alemão	19
Tcheco	8
Japonês	7
Basco	6
Neerlandês	5
Islandês	4
Finlandês	4
Húngaro	3
Sem dados	2
Hebraico	2
Polaco	1
Occitano	1
Latim	1
Catalão	1
Árabe	1
Amárico	1

*Tabela 1: referência traduzidas segundo a sua língua de importação*

A distribuição de títulos entre as diferentes línguas pode ser visualizada na figura 9. Sobre a etiqueta “outras” aparecem agrupadas as línguas representadas por 5 títulos ou menos.



*Figura 9: referências traduzidas segundo a sua língua de importação*

Nesta distribuição destaca, em primeiro lugar, a ampla maioria de títulos traduzidos desde o espanhol. Proporcionalmente, estas obras representam 32,42% dos títulos traduzidos, o qual constitui um aumento notável em relação com 21% recolhido por Constenla Bergueiro (2013: 96) em finais do século passado para o conjunto da literatura traduzida para o galego; ao tempo, este dado parece corroborar as afirmações feitas por Fran Alonso (2006: 96), Ana Luna Alonso (2006) e Manuel Bragado (2013: 222) quanto à hegemonia do espanhol, recolhidas no nosso estado da questão. Contudo, para compreendermos esta dinâmica resulta de interesse consultarmos já agora –sem prejuízo de realizarmos análises mais pormenorizadas por blocos a seguir– o género literário destes títulos: de 131 obras, 87,78% (115) são de literatura infantojuvenil e apenas 7,63% (10) são de narrativa para público adulto, enquanto os 6 títulos restantes (4,58%) correspondem a ensaios. Se, como dito no estado da questão, considerarmos o sistema literário espanhol um referente de oposição a respeito do galego, podemos constatar que no subsistema da literatura infantojuvenil não opera esta funcionalidade de oposição. Mais um dado que serve para sustentar esta afirmação é que 53,48% de toda a literatura infantojuvenil em foco neste trabalho procede do espanhol.

No texto citado por extenso no nosso estado da questão, a professora Luna Alonso (2006) elabora algumas hipóteses sobre o funcionamento da referencialidade das traduções do espanhol. Neste artigo, a autora parece indicar que no sistema literário galego opera uma ideia segundo a qual traduzir materiais desde o espanhol elimina a dependência do sistema literário deste outro sistema ibérico. Se a nossa leitura for correta, esta ideia verifica-se de aplicação na LIJ onde o público poderá optar, por exemplo, entre a tradução para o galego de uma determinada obra sem ter de recorrer à versão original espanhola. Isto explicaria a amplíssima oferta de materiais infantis traduzidos desde o espanhol, acessíveis e pelo geral pouco custosos de produzir –por breves– e destinados a

um público alargado, que encontra na leitura uma parte primordial da sua formação e do seu lazer. Porém, Luna Alonso indica que esta pretensa independência seria apenas uma crença: paradoxalmente, é o sistema espanhol o que marca as prioridades daquilo que deve ser traduzido e o que funciona como modelo (Luna Alonso 2006).

Imediatamente a seguir do espanhol, o inglês chega 127 títulos, isto é, 31,43% da produção em foco. Novamente, esta percentagem supõe um aumento notável em relação com o 17% de títulos procedentes do inglês a finais do século XX (Constenla Bergueiro 2013: 96) e confirma tendências já apontadas por outras pesquisadoras (Alonso 2006: 92; Luna Alonso 2013: 108-111). A crescente presença do inglês pode ser ligada ao desenvolvimento da influência cultural dos espaços anglófonos nas últimas décadas, no processo chamado de globalização; esta influência tem sido constatada empiricamente através de estudos relacionais dos fluxos de traduções (Barré 2010). Nas páginas dedicadas a cada bloco de produção referiremos se há algum tipo de referencialidade a funcionar nas importações literárias desde os diferentes espaços anglófonos.

Os seguintes idiomas representados no nosso corpus são mais três línguas europeias centrais: francês, italiano e alemão; elas constituem 11,63%, 5,19% e 4,70% da produção em foco, respetivamente. Quando confrontadas com as percentagens do último quarto do século XX (Constenla Bergueiro 2013: 96), chama a atenção as quedas de 8 e 5 pontos percentuais nos títulos em francês e alemão, enquanto o italiano se mantém relativamente estável. No caso do francês, uma explicação plausível para esta irregularidade é a menor influência deste idioma, que foi sendo substituído pelo inglês como principal língua estrangeira no ensino e, portanto, reduziu o fluxo de materiais traduzidos que anteriormente foram importados especialmente para o público infantojuvenil (Samartim 2010: 271). Em qualquer caso, como veremos, no francês verificamos ainda uma presença relativamente alta de livros traduzidos destinados a este

público. A importação de títulos desde estas três línguas, como aponta Luna Alonso (2013-108-111), pode ter a ver com a sua centralidade e a associação a estas com “grandes literaturas” (Luna Alonso 2006). A respeito das línguas vistas mencionadas até o de agora, pode ser apontado também o facto de que a única faculdade de tradução na Galiza, a Facultade de Filoloxía e Tradución da UVigo, oferece para a formação do seu estudiantado estas línguas de carácter mais central (Facultade de Filoloxía e Tradución).

Os títulos nas restantes línguas têm um impacto quantitativo muito reduzido na produção estudada; porém, representam diferentes tendências relevantes à hora de descrever as políticas tradutológicas das editoras em foco. Duma parte, o tcheco e o neerlandês apresentam situações similares, pois concentram as suas referências à volta de coleções e autores concretos: enquanto Rinoceronte traduziu exclusivamente romances escritos pelo escritor Hrabal Bohumil, Patasdepeixe ocupou-se de importar a série de livros infantis protagonizados por uma mesma personagem, a “Toupiña”, assinados por Zdeněk Miler. Ao tempo, as traduções do neerlandês, todas de literatura infantojuvenil, vêm da mão de Faktoria K: quatro destes cinco títulos correspondem à série protagonizada por “Mifi”, criada por Dick Bruna. Por sua vez, os títulos em japonês representam a única língua não europeia com mais de cinco títulos; eles serão objeto de um comentário mais pormenorizado no seu correspondente bloco de produção.

Doutra parte, os casos do basco e do português representam sistemas de importação com uma importante carga simbólica para o sistema cultural galego, embora cada um apareça apenas em 1,48% da produção estudada. Apesar de Euskadi constituir um referente de analogia de longa data para o sistema cultural galego, esta funcionalidade não se verifica no volume de traduções da nossa população. Doutra parte, Portugal é considerado historicamente do sistema literário galego um referente de reintegração; no campo editorial galego, um caso paradigmático desta conceção cultural é o de Laivento,

que importa diretamente os textos dos espaços de língua portuguesa sem nenhum tipo de adaptação ortográfica. Nas 25 editoras em foco, contudo, contamos com uma presença episódica de materiais importados de sistemas culturais de expressão portuguesa, aliás ligados à literatura infantojuvenil: de seis referências trazidas do português, quatro correspondem a este género. Portanto, não dispomos de dados suficientes para verificar se a referencialidade de reintegração está ausente da produção estudada. Contudo, podemos apontar esta possibilidade para futuros trabalhos, verificando que várias editoras optam pela tradução em lugar da importação direta.

Ainda na esteira destes relacionamentos culturais “solidários” (Luna Alonso 2006) e próximos, chama poderosamente a atenção a ausência do catalão como língua de importação, a qual conta na produção estudada com uma única referência. O sistema cultural catalão, mais um referente de analogia para a Galiza, tem sido tradicionalmente um espaço privilegiado para a importação de literatura, sobretudo para o público infantojuvenil (González Figueiras 2005); de facto, nos últimos anos do século XX as traduções desde o catalão constituíam 16% das importações (Constenla Bergueiro 2013: 96). Com as informações apresentadas neste trabalho verificamos que, quando menos para nossa população, o sistema cultural catalão deixa de ser um espaço de importação prioritário para o sistema cultural galego. Ainda, a exígua produção em basco e catalão no nosso corpus contradiz a hipótese –no mínimo para a população em foco– do funcionamento fluido da tradução entre as diferentes línguas do Estado espanhol identificado por Ana Luna Alonso (Luna 2013: 108-111)

Finalmente, dentro das línguas com cinco ou menos títulos traduzidos, encontramos casos como o latim ou o occitano, a veicularem textos clássicos do cânone ocidental. Também estão presentes no nosso corpus as literaturas nórdicas –islandês,

finlandês– e do leste de Europa e/ou eslavas –húngaro, polaco, russo, sérvio<sup>4</sup> e, por último, contamos com obras singulares, traduzidas desde línguas consideradas “exóticas” (Luna Alonso 2006), como o amárico, o árabe ou o hebraico. A presença anedótica destes idiomas impede realizar generalizações sobre os possíveis motivos dos títulos importados desde elas. Por isto, julgamos mais adequado tratarmos cada caso individualmente a seguir, como parte da produção dos blocos de que formam parte.

### 3.4.1. Bloco A

Trataremos agora a produção traduzida segundo os blocos de editoras de que formam parte (Anexo II). A começar pelo bloco A, as línguas representadas na produção deste grupo podem ser consultadas na figura 10:

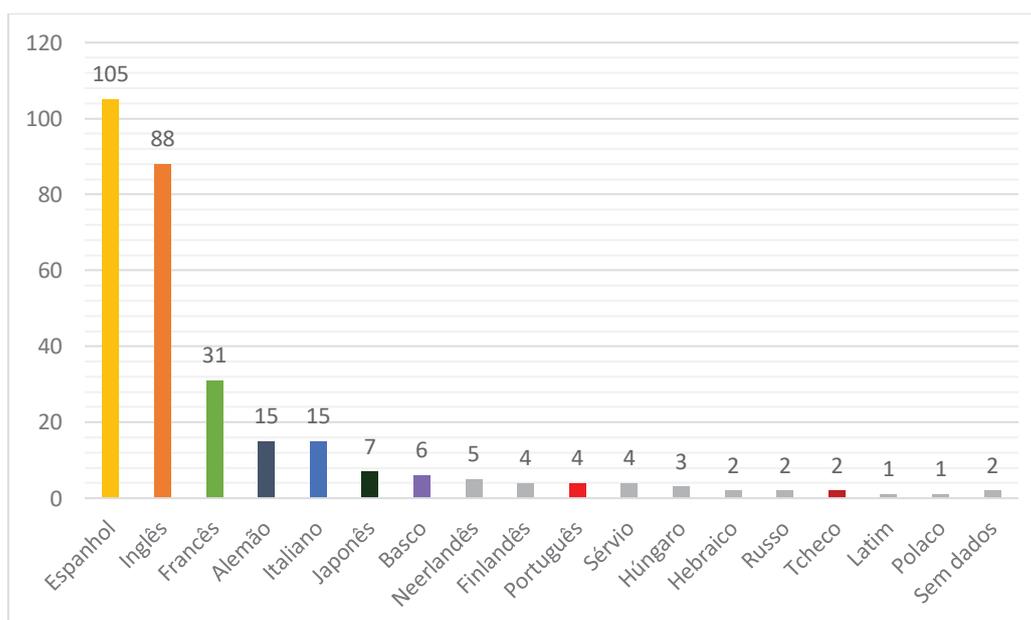


Figura 10: distribuição de referências por língua fonte no bloco A

Do mesmo jeito que quando tratamos a distribuição por géneros, o bloco A segue *grossa modo* as tendências gerais, devido a que concentra a grande maioria da produção em foco.

Em qualquer caso, observamos que é o responsável da presença nela duma maior

<sup>4</sup> A estabilidade como espaços de importação das literaturas nórdicas, euro-orientais e eslavas poderá ser objeto de futuros trabalhos com limites cronológicos mais próximos, a julgar pela especialização por estes espaços que algumas das editoras integrantes da nossa população –como Hugin e Munin, cujo próprio nome é devedor da mitologia nórdica (Guerrero Alfaro 2021)– parecem estar a adquirir.

diversidade linguística. Tratando-se dum grupo de apenas quatro editoras, analisaremos uma a uma a distribuição das línguas fonte dos seus catálogos traduzidos.

Começaremos por OQO Editora, uma empresa especializada, como foi dito, na publicação de literatura infantojuvenil. Em concreto, esta editora centra-se na edição de contos, quer de criação original, quer reelaborados a partir da tradição oral de diferentes lugares do mundo. Como explica Eva Mejuto (2013), trabalhadora de OQO até 2016, as estratégias de elaboração e exportação dos textos passam pela edição conjunta em galego e espanhol e a posterior tradução própria a português, inglês e francês, com a possibilidade de novas traduções através da venda de direitos (Mejuto 2013: 230); a isto, cumpre acrescentar o trabalho com profissionais da ilustração de diferentes países (Mejuto 2013: 227). Falamos, portanto, duma infraestrutura de edição muito profissionalizada em ambos os sentidos da tradução, com contatos fixos em vários dos sistemas de importação representados nas línguas do nosso corpus. A figura 11 reflete esta realidade.

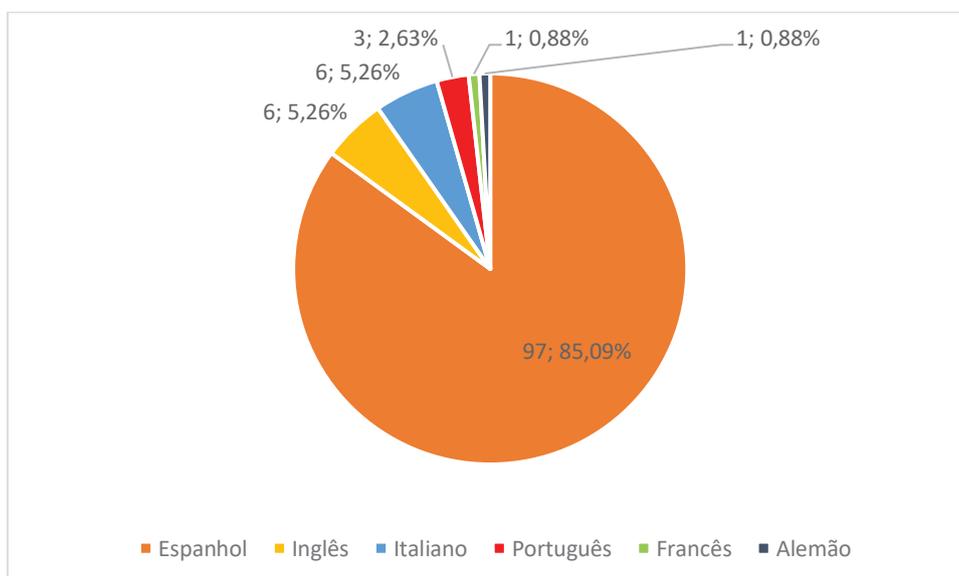


Figura 11: distribuição de referências por língua fonte em OQO editora

Para além de representar os espaços de importação –e exportação– habituais da editora, a informação mais significativa que deita a gráfica acima é que a relevância do espanhol como língua fonte na produção associada ao bloco A responde quase inteiramente a OQO. De mais a mais, resulta a principal responsável da importação do espanhol na soma da produção dos três blocos, com 74,04% dos títulos em espanhol (97 de 131). Estes dados permitem falar, como apontava Sánchez Moreiras (2019: 14), duma lógica de produção de literatura infantojuvenil em chave global; nesta lógica, fica apagado o referente de oposição que o sistema literário espanhol puder vir desempenhar. Levando em conta a situação sociolinguística da Galiza, poderíamos aventurar que o catálogo em galego, alimentado de títulos em línguas de fácil acesso e tradução, proporciona a OQO boa parte do seu capital simbólico –equiparável ao conceito de *pride* empregado por Sánchez Moreiras no seu artigo (2019: 13)–; ao tempo, a edição simultânea em espanhol e a tradução a outras línguas chamadas estrangeiras proporcionam o maior réditto económico –segundo de novo Sánchez Moreiras, *profit* (2019: 13)–.

A seguir, apresentaremos a distribuição por línguas fonte dos títulos de Faktoria K. Como foi dito, este selo impulsado por Kalandraka funciona na prática como uma coleção, com livros destinados a um público de maior idade do que os do selo principal – ficção literária, ensaio, divulgação científica e “publicacións singulares” (Kalandraka) –. Quando o estado dos dados da BD o permitir, será esclarecedor confrontar os títulos e línguas dum e doutro selo, para verificar se os títulos de Faktoria K são escolhidos com maior liberdade graças ao sustento que oferecem as práticas editoriais de Kalandraka. Por enquanto, apresentamos na figura 12 a distribuição por línguas dos títulos do selo mais recente<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Nesta distribuição não estão representados dous títulos do autor Xulio Gutiérrez, *Bocas e Construtores*, para os quais não conseguimos determinar de modo fiável a língua de procedência (inglês ou espanhol).

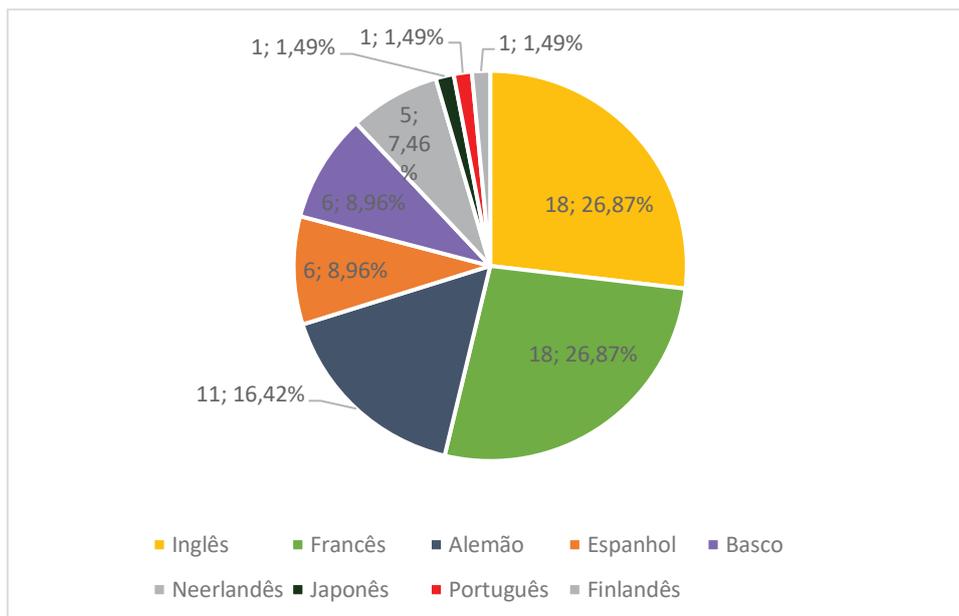


Figura 12: distribuição de referências por língua fonte em Fatoría K de Libros

A figura permite observar, em primeiro lugar, a presença minoritária do espanhol, com 8,96% dos títulos; por contra, as línguas de importação maioritária são o inglês e o francês. No caso do inglês, podemos destacar a presença de alguns títulos de autores consagrados contemporâneos, como *O corazón do negror* (2009) de Joseph Conrad, *Cartas desde a terra* (2011) de Mark Twain, *Pan con xamón* (2009) de Charles Bukowski ou *Lolita* (2008) de Vladimir Nabokov; também encontramos histórias *best seller*, como *O neno do pixama a raias* (2007) de John Boyne. No caso do francês, encontramos igualmente alguns títulos sucedidos –a julgar pelas várias reedições–, como o romance juvenil *O señor Ibrahim e as flores do Corán* (2007) de Eric-Emmanuel Schmitt, mas também alguns livros didáticos ilustrados mais claramente dirigidos a um público infantil, como o *Inventario ilustrado de animais* (2012) de Virginie Aladjidi. Com estes exemplos, os títulos em francês de Fatoría K representam a maioria de títulos importados desde esta língua para o bloco A (58,06%) e mais dum terço no conjunto da produção em foco (38,29%). Estes 18 títulos são de literatura infantojuvenil.

No caso de Faktoria K destacam mais alguns dados referidos às línguas de importação. Duma parte, no catálogo deste selo verificamos uma presença relevante de títulos em alemão –como no caso do francês, todos eles de literatura infantojuvenil–, a conformarem 57,89% das importações nesta língua pelos três blocos. Doutra parte, comprovamos que todas as referências em basco do conjunto da produção (6) correspondem a esta editora. Os relacionamentos do selo principal Kalandraka com o sistema cultural basco, na linha de trabalho no âmbito ibérico –“Kalandraka é un proxecto plurilingüe que actualmente edita en galego, castelán, català, euskara, portugués, italiano e inglés” (Kalandraka)–, podem explicar a presença destes títulos no catálogo de Faktoria K. Finalmente, como foi dito, sinalaremos a presença dalguns títulos em neerlandês, a maioria da série “Mifi” de Dick Bruna. Em qualquer caso, constatamos que as línguas de importação do catálogo de Faktoria K são bastante diversas e aliás divergentes das línguas de trabalho do selo Kalandraka, o qual reforça a hipótese de o selo principal ser o sustento dumas práticas tradutológicas mais arriscadas no selo secundário.

Em terceiro lugar, analisaremos as línguas presentes no catálogo de Rinoceronte. A editora canguesa apresenta-se como “a primeira editorial especializada na publicación de obras traducidas ó galego [...] coa intención de importar para a nosa lingua literatura estranxeira, fundamentalmente recente, e en especial de ámbitos culturais e lingüísticos inéditos en galego” (Rinoceronte). Esta vontade de explorar novos espaços de importação para a literatura galega pode ser observada na figura 13:

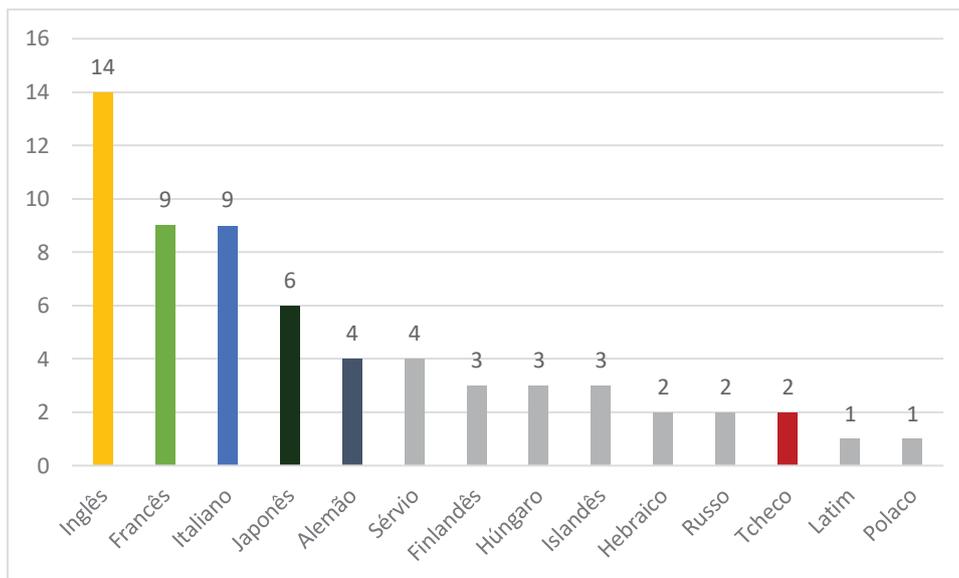


Figura 13: distribuição de referências por língua fonte em Rinoceronte Editora

A distribuição de línguas no catálogo de Rinoceronte é, sem dúvida, a mais diversa qualitativamente da nossa população. A este respeito, e levando em conta que Rinoceronte publica literatura para público adulto, destaca a ausência do espanhol como língua fonte, o qual pode indicar que, neste caso, si se verifica a referencialidade de oposição do sistema literário espanhol. No aspeto quantitativo, resulta interessante observar como aproximadamente metade das traduções deste selo procedem de línguas europeias centrais –o inglês, o francês e o italiano–, enquanto a outra metade é dedicada a línguas mais periféricas.

Alguns dos títulos editados por Rinoceronte merecem um comentário mais pormenorizado. Em primeiro lugar, as obras trazidas desde o inglês são na sua maioria recentes, incluindo algumas referências de espaços e temáticas relativamente periféricos, como *A casa de Mango Street* (2008) da autora *chicana* Sandra Cisneros; porém, também conta com traduções de textos clássicos como o poema épico *Beowulf*<sup>6</sup>. Em segundo

<sup>6</sup> Em rigor, não se trata dum texto em inglês: a língua anglo-saxã teria de atravessar ainda vários séculos e um intenso contacto com o francês para se converter no código que hoje reconhecemos como inglês. Porém, decidimos incluir *Beowulf* nas contagens desta língua pela sua habitual adscrição ao cânone da literatura inglesa.

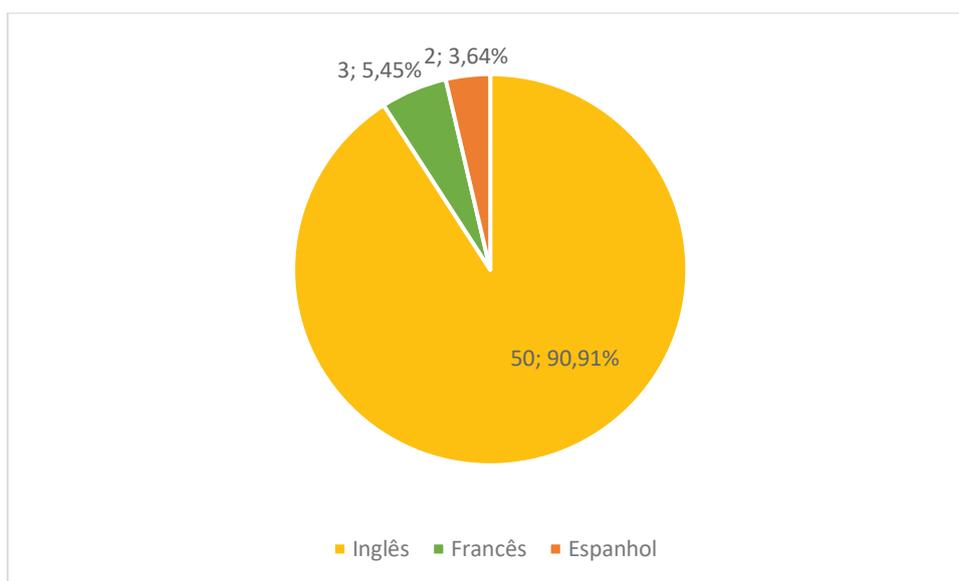
lugar, vemos como a tradução de títulos de literatura francesa fora a literatura infantojuvenil corresponde em boa medida a Rinoceronte, com relativa diversidade quanto aos espaços de importação. Neste sentido, destacam referências asiáticas, como o romance *Sangué Sabur* (2011) do afegão Rahimi Atiq; mostras de literatura africana como o romance *O xiro postal* (2008) do senegalês Ousmane Sembène, ou títulos de pessoas nativas de países não francófonos que desenvolveram a sua atividade literária em francês, como os da autora húngara Agota Kristof. Também destaca a tradução da já citada novela gráfica *Persépole*, da iraniana Marjane Satrapi.

No relativo ao alemão e ao italiano, verificamos que os títulos importados desde o alemão, fora os já vistos para Faktoria K, correspondem à narrativa publicada por Rinoceronte. Algo semelhante acontece com os títulos traduzidos desde o italiano: vários títulos procedentes desta língua, neste caso minoritários, são literatura infantojuvenil; todos eles (6) aparecem no catálogo de OQO e representam 28,57% do total de obras traduzidas desde o italiano. De resto, a maioria das obras procedentes desta língua (9) encontram-se no catálogo de Rinoceronte. Várias dessas referências correspondem à narrativa, tanto clássica –o *Decamerón* (2006) de Boccaccio– como contemporânea –por exemplo, *Elias Portolu* (2012), de Grazia Deledda–. Aliás, no catálogo desta editora encontramos uma referência poética contemporânea –a referida antologia *Poesias de amor e outras poesias dispersas* de Cesare Pavese– e o citado ensaio *As leis fundamentais da estupidez humana* de Carlo Cipolla. A tradução desde o italiano, portanto, parece proceder de géneros mais diversos do que aquela importada do alemão e do francês.

Ainda, da parte de títulos trazidos desde as línguas mais periféricas, chamamos a atenção para o caso do japonês. Todas as obras procedentes desta língua foram escritas por autores diferentes –o masculino é marcado– e pertencem ao género narrativo virado para o público adulto, com a exceção do ensaio *Eloxio da sombra*, de Tanizaki Junichiro.

Em resumo, verificamos que o catálogo de Rinoceronte mostra uma relativa diversidade quanto a línguas e géneros, embora a base seja a narrativa, e constitui uma aposta editorial de maior risco que as revistas anteriormente.

Finalmente, apresentaremos as línguas fonte dos títulos traduzidos por Urco.



*Figura 14: distribuição de referências por língua fonte em Urco Editora*

Com a figura 14 à vista, resulta evidente que a predominância do inglês no bloco A é devida a esta editora. Isto responde principalmente ao facto de que Urco importa vários títulos dos mesmos autores referenciais nos subgéneros da sua especialidade, em coleções específicas. Assim, no catálogo deste projeto encontramos a “Biblioteca Conan”, numa série de 6 volumes escritos por Robert E. Howard sobre Conan o bárbaro –cinco dos quais foram subsidiados pelo governo galego em 2010–, e a “Biblioteca Howard” com mais cinco títulos deste autor; também encontramos 9 títulos da “Biblioteca Lovecraft” –cinco deles financiados pelas ajudas autonómicas de 2010–, do estadunidense H. P. Lovecraft. Fora estas coleções, Urco publica traduções do inglês de autorias relevantes no mundo da fantasia, o terror e o mistério; é o caso de Washington Irving, Edgar Allan Poe, Jack London, Orson Scott Card ou Ursula K. Le Guin, entre outras. A esta nómina criadores

–e criadora– estadunidenses devemos acrescentar nomes referenciais da literatura inglesa como Horace Walpole, autor da considerada primeira novela gótica –*O castelo de Otranto* (2010), também subsidiada–, mas também alguns nomes relevantes da literatura irlandesa, como Bram Stoker, Oscar Wilde ou Joseph Sheridan Le Fanu. Nesta listagem de autorias –mediada, em qualquer caso, pela especificidade dos géneros em que Urco se especializa– observamos como a função analógica que a literatura irlandesa jogou historicamente no sistema cultural galego –desde o celtismo decimonónico até a tradução do *Ulysses* de Joyce por Otero Pedrayo, passando pelas traduções da dramaturgia de W. B. Yeats, entre outras– deixa lugar no catálogo de Urco ao predomínio da literatura norte-americana.

No relativo ao restante 8% da produção traduzida de Urco, devemos indicar que as três obras importadas desde o francês –*O castelo dos Cárpatos* (2010, subsidiada), *Robur o conquistador* (2011, subsidiada em 2010) e *O amo do mundo* (2012)– foram escritas por Jules Verne, enquanto os títulos trazidos do espanhol incluem a antologia de contos cubanos de ciência-ficção *Crónicas do mañá* (2010, subsidiada) e *Contos de amor, loucura e morte* (2012) do uruguaio Horacio Quiroga. Neste último sentido, podemos aventurar que a escolha de autores em espanhol, mas não espanhóis, tem sido consciente, em termos de referencialidade opositiva.

#### 3.4.2. Bloco B

O bloco de produção traduzida intermédia apresenta uma distribuição de línguas muito mais simples do que no bloco de maior produção. Esta distribuição aparece recolhida na figura 15.

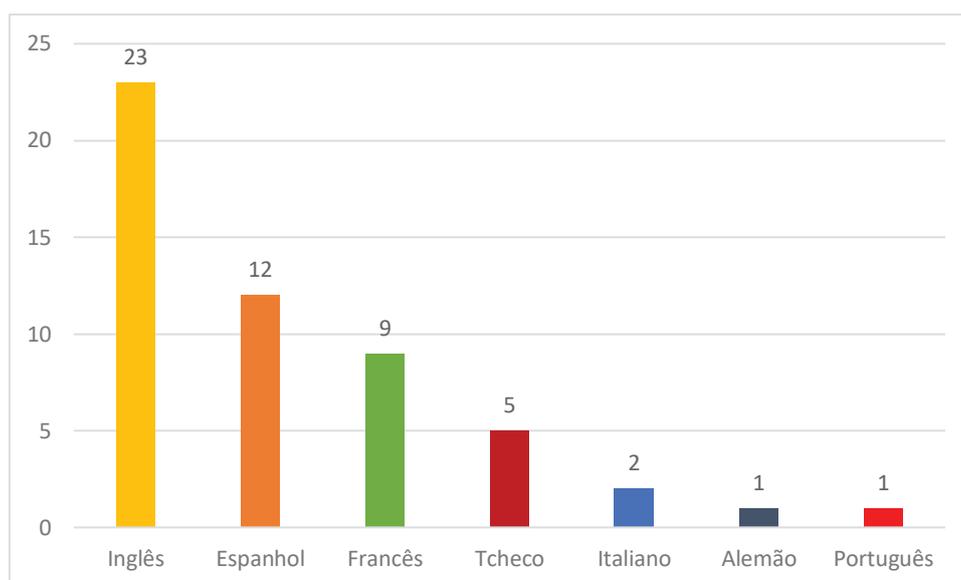


Figura 15: distribuição de referências por língua fonte no bloco B

Numa primeira observação dos dados, destacam dous fatores: duma parte, a maioria de títulos em inglês, por diante do espanhol; doutra parte, a centralidade de todas as línguas representadas, com a exceção, se calhar, do tcheco. Como foi apontado, as referências neste idioma correspondem à coleção infantil “A toupiña”, de Zdeněk Miler. Para compreender a presença do resto de línguas e o predomínio do inglês, porém é preciso reparar mais demoradamente nos catálogos das editoras contidas neste grupo.

Em primeiro lugar, trataremos a literatura infantojuvenil associada a este bloco. A começar pelas línguas com menor presença, os títulos em alemão e português, correspondem a SM Xerme. Já no caso do francês, encontramos 5 títulos também no catálogo de Xerme, dos quais 4 são livros didáticos ilustrados –um subgénero que, como visto acima, encontramos também nos títulos importados do francês por Faktoria K–. Traduzem também do francês El Patito Editorial e Patasdepeixe, mas um único título respetivamente. Quanto ao espanhol, como foi mencionado, Xerme traduziu desde esta língua a série “Pupi”, com 6 referências, junto com *Un mundo feliz?* (2008) de Lorenzo F. Diaz. As referências importadas do espanhol completam-se com cinco obras do catálogo de El Patito Editorial. Finalmente, as traduções de literatura infantojuvenil

procedentes do inglês para o bloco B procedem das três editoras referidas: Xerme (4 referências), El Patito Editorial (6) e Patasdepeixe (7).

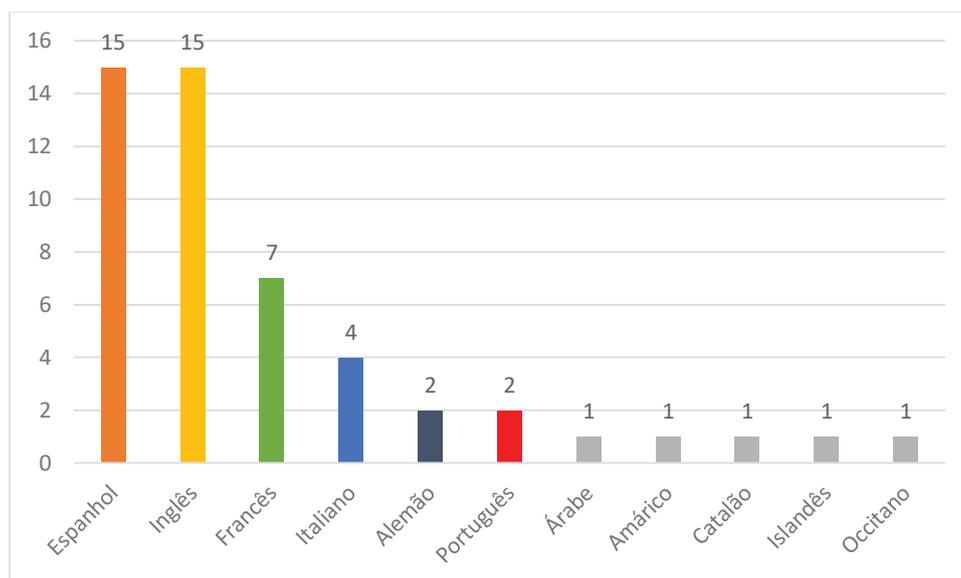
As restantes obras do bloco B, todos romances, correspondem a Hugin e Munin e distribuem-se entre o inglês (6), o francês (2) e o italiano (2). Consultando o catálogo atual no site desta editora (Hugin e Munin) comprovamos que conta já com obras traduzidas desde 17 línguas, a maioria europeias, mas muitas delas periféricas. Por este motivo, resulta interessante observar como os inícios do projeto se sustentaram em obras trazidas de línguas centrais, especialmente no inglês. Para o maior número de traduções desde esta língua podemos apontar um motivo bastante prosaico: o fundador do projeto, Alejandro Tobar, é tradutor desde esta língua, como verificamos em muitos títulos da BD. Porém, não queremos omitir declarações recentes do próprio Tobar a respeito da escolha de línguas que leva a cabo a editora:

Temos unha especie de equilibrio entre autores e autoras clásicas, como pode ser Camus ou Mary Wollstonecraft e tamén moderna como Siri Hustvedt, que gañou o premio Princesa de Asturias. Nós estamos continuamente pendentes dese equilibrio. **Tamén tratamos de que as linguas hexemónicas -o inglés, o alemán, o francés, o italiano- teñan espazo porque teñen grandes literaturas**, pero que non lle coman demasiado ás linguas minorizadas ou minoritarias como pode ser o serbio. **Hai un equilibrio continuo, iso é difícil de cadrar.** (Guerrero Alfaro 2021, carregado noso)

Levando em conta este fragmento e os dados apresentados, compreendemos que tal equilíbrio no caso desta editora independente passa pela aposta inicial por sistemas de importação centrais, cujo processo tradutivo resulta menos custoso. Esta hipótese é corroborada pelo facto de os primeiros livros editados por Hugin e Munin corresponderem a Charles Bukowski (*Servizo de correos*, 2011) e Mark Twain (*O forasteiro misterioso*, 2011), autores centrais na literatura norte-americana.

### 3.4.3. Bloco C

Finalmente, apresentaremos de jeito breve as línguas fonte da produção traduzida associada ao bloco C. Estas línguas, como mostra a figura 16, são quer idiomas centrais europeus, quer casos singulares procedentes de códigos periféricos.



*Figura 16: distribuição de referências por língua fonte no bloco C*

Tratando-se dum grupo com um número elevado de editoras, associadas a uma produção baixa e diversa quanto a géneros literários, não trataremos de jeito individual os catálogos de cada projeto. Neste caso, limitaremos o nosso comentário a sinalar que as línguas com maior número de títulos associados são aquelas para as quais é mais simples encontrar pessoas tradutoras, devido à sua centralidade. Também apontaremos que a primazia do inglês e do espanhol condizem com as hegemonias culturais com que convive o sistema cultural galego: a condição de língua global do inglês (Barré 2010) e a omnipresença do espanhol como língua hegemónica na sociedade galega.

Em qualquer caso, como antecipamos na epígrafe dedicada aos géneros literários, no bloco C observamos uma certa tendência a fugir das políticas editoriais hegemónicas, a qual também verificamos agora nos títulos de línguas com uma única tradução. Neste

sentido, destacamos novamente a antologia poética bilingue galego-amárico *As que rubimos montañas*, a tradução desde o árabe palestiniiano de *Carné de identidade* ou a tradução desde o islandês de *O mariñeiro com cabalos matutinos baixo o vestido*. Por último, como comentamos quando falamos da distribuição de línguas no geral, chamamos a atenção para o carácter residual do catalão, que conta com a única referência do romance *A pel fría* (2007) de Albert Sánchez Piñol.

### 3.5. Tradução e normalização

Após a revisão de vários contributos académicos sobre o subcampo da tradução galega e, sobretudo, após a apresentação e discussão pormenorizada dos dados sobre as traduções das 25 editoras estudadas neste trabalho, abordaremos à relação entre tradução e normalização, apontada em vários dos trabalhos referidos no estado da questão (Luna Alonso 2006, 2013; Constenla Bergueiro 1995, 1996, 1997a, 1997b, 1998<sup>a</sup>, 1998b, 1999a, 1999b, 2000, 2001, 2001-2002, 2003, 2003-2004, 2004).

Dentro da inevitável variedade que existe quanto a volumes de produção, cronologia, géneros literários e línguas fonte numa população de 25 editoras, podemos encontrar alguns pontos de fuga que expliquem as funções atribuídas a prática da tradução no sistema. Assim, identificamos em diferente medida –e, por vezes, em combinação– três motivações para a importação de materiais por via da tradução na nossa população: por um lado, a seleção de obras canónicas (Even-Zohar 1990: 11) das “grandes literaturas” que, num sentido lato, também são entendidas como metonímia das línguas hegemónicas; por outro lado, a atenção às lógicas do sucesso mercantil e/ou crítico no panorama internacional e, finalmente, a escolha de obras procedentes de sistemas que funcionam de maneira diferentes como referente de analogia para o sistema galego. Estas três motivações, enfim, podem ser resumidas na dualidade capital económico / capital simbólico.

Do nosso ponto de vista, a esta síntese cabe acrescentar um fator não menor: a presença latente da ideia de *normalização* no subcampo da tradução –e do sistema cultural galego no geral–. Da leitura das referências plasmadas no estado da questão e das próprias apresentações das editoras podemos desprender que, no caso galego é atribuído à literatura traduzida um valor *normalizador*. A importação destes materiais não é feita apenas em função de lógicas mercantis nem serve unicamente para legitimar a suficiência do sistema literário, mas também funciona como sustentadora da validade duma determinada ideia da sua norma sistêmica: a língua galega.

O conceito de normalização –aplicado aos estudos literários galegos, mas extensível ao conjunto dos campos culturais– tem sido caracterizado por Cristina Martínez Tejero e Isaac Lourido (2017: 159) como uma tendência que

[...] aspira em última fase ao desenvolvimento de modelos de planificação sociocultural que, com a referência imprescindível das culturas ditas normais ou normalizadas, devem envolver uma maioria dos agentes participantes nos campos culturais e intelectuais na procura desse objetivo.

As principais características da normalização seriam as seguintes:

A urgência por preencher os vazios da cultura galega, as mais ou menos explícitas chamadas à unidade e lealdade das/os agentes e grupos envolvidos (face à estimulação dos debates intelectuais e científicos), a construção de públicos para as práticas culturais e intelectuais consideradas cultas, as tentativas de planificação institucional tanto dos setores sistemicamente periféricos, marginais ou heterodoxos quanto dos interesses heterónomos vinculados à criação dum campo de grande produção (Figuerola, 2001: 120 e ss.), ou a centralidade concedida à reivindicação da língua galega (língua autonómica e nutriente central do nosso “kit identitário”; Thiesse, 1999) [...] (Martínez Tejero e Lourido 2017: 159)

É nesta formulação conceitual teleológica, amplamente difundida entre as instituições e a sociedade galega no geral, que colocamos a importação de literatura por via da tradução,

já for de materiais motivados por uma maior procura de rédito simbólico ou de aqueles produtos que participam duma lógica mais mercantil.

Para exemplificarmos esta questão, contamos com a já referida entrevista recente a Alejandro Tobar, responsável de Hugin e Munin. A seleção do titular desta entrevista – “A función normalizadora dun corpus serio de tradución nunha lingua minorizada é clara” – é já esclarecedor para o desenvolvimento destas notas, mas reproduzimos a seguir alguns trechos especialmente significativos:

[...] A función normalizadora dun corpus serio de tradución nunha lingua minorizada é clara. No noso caso, somos conscientes de que hai que tratar moi ben as traducións. Mentres que non podemos, por unhas cuestións económicas e do propio sistema galego, aspirar a facer grandes libros con tapas durísimas e ilustradas por unha ilustradora recoñecida. [sic] O que tratamos de mirar é que os textos, os interiores, as tripas, vaian perfectamente traducidas, corrixidas e recorrixidas. Ese punto da normalización para nós é esencial. [...]

[...] traemos a xente que está consagrada. É difícil que poidamos traer nós, a menos que nos guste moito, a unha persoa que o ano pasado en Francia fixo unha primeira novela e foille ben. Deixemos pasar uns anos para ver se a cousa ten pouso. Nós non somos esa editora. Temos unha especie de equilibrio entre autores e autoras clásicas, como pode ser Camus ou Mary Wollstonecraft e tamén moderna como Siri Hustvedt, que gañou o premio Princesa de Asturias. Nós estamos continuamente pendentese dese equilibrio. Tamén tratamos de que as linguas hexemónicas –o inglés, o alemán, o francés, o italiano– teñan espazo porque teñen grandes literaturas, pero que non lle coman demasiado ás linguas minorizadas ou minoritarias como pode ser o serbio. Hai un equilibrio continuo [...] (Guerrero Alfaro 2021)

Na entrevista, pois, o adjetivo “sério” faz referência ao cuidado no modelo de língua, isto é, a legitimação da norma sistémica. Porém, da leitura do texto podemos inferir que, quando Tobar refere a função normalizadora dum corpus “sério” de tradução, também está a assumir o valor como ferramenta da importação de textos canónicos doutras literaturas –que, aliás, resultam uma aposta comercial de menor custo e menor risco–. Além disto, de jeito mais velado, observamos nas políticas de tradução de Hugin e Munin

uma defesa da independência do sistema literário galego do espanhol graças à tradução direta de obras reconhecidas no panorama literário internacional.

Numa linha similar à indicada para Hugin e Munin, mais um exemplo paradigmático desta política de atenção às lógicas internacionais seria o caso de Rinoceronte. Encontramo-nos assim com a segunda das motivações indicadas para a importação de materiais mediante a tradução: o sucesso crítico e comercial num sentido supranacional. Contudo, se bem que este modelo pareça mais autónomo quanto a estratégias de legitimação nacional do que a tradução de obras do canónicas, ele termina por fazer parte também da vontade “normalizadora” da tradução, muito especialmente no que diz respeito a cobrir os vazios detetados no sistema. Sob esta visão, compreendemos melhor a auto-apresentação que figura no site de Rinoceronte:

Na nosa selección de títulos tratamos de cubrir dúas vertentes: apostar por autores de calidade, aínda descoñecidos no noso contexto literario e cultural; e ofrecer obras de autores recoñecidos, recentes ou inéditas en galego. Buscamos amosar un panorama amplo da literatura que se publica en diferentes puntos do planeta, dentro das nosas posibilidades, filias e fobias. No noso catálogo atoparás as primeiras traducións literarias publicadas en galego dende o húngaro, o xaponés ou o árabe. (Rinoceronte Editora)

Para além das estratégias assinaladas, resta por indicar o efeito dos referentes de analogia nas políticas tradutológicas dalgumas das editoras estudadas. De início, parece plausível afirmarmos que o facto de trazer para o sistema obras de sistemas culturais minorizados ou minoritários, ou que veiculam repertórios de interesse para o projeto nacional, outorga valor à própria editora no sistema de chegada. Isto, unido à referida função normalizadora que atravessa todas as motivações indicadas, coloca-nos na posição de afirmar que a função da tradução para o galego pode ser inscrita na descrição do professor Xoán González Millán do denominado “nacionalismo literário” (1995): a articulação nacional seria o critério de seleção dos materiais importados, entendendo a “normalização” da língua e da cultura –metonímia da literatura– como a bússola da nação.

Por último, comentaremos brevemente as lógicas observadas na literatura infantil e juvenil, a qual representa, como ficou visto, uma proporção muito relevante do nosso corpus. Dum lado, semelha nom existir um cânone deste tipo de literatura com as funções coesivas para a comunidade que lhe são apostas à literatura “adulta”; porém, como foi exposto, cumpre sinalar que num sistema literário como galego a própria norma sistémica é o repertório que se procura promover, aquilo que dá sentido –e rédito– a este tipo de publicações. A motivação da tradução não é, portanto, a legitimação do sistema, senão a ampla disponibilidade de materiais que legitimem a norma sistémica ante um grupo etário considerado estratégico para a sua supervivência. Aliás, as políticas editoriais de projetos como OQO Editora parecem encaminhadas a compensarem os possíveis défices económicos da literatura traduzida ao galego mediante a produção direta dos mesmos materiais noutras línguas, numa lógica mercantil internacional.

Em soma, nesta epígrafe quisemos cartografar as que julgamos as principais funções da literatura traduzida pela nossa população, antes de apresentarmos as conclusões gerais do nosso estudo. No quadro conceitual que vimos de sinalar, as 25 editoras estudadas implementaram no período 2005-2012 estratégias mais ou menos dependentes dum determinado modelo de legitimação duma cultura galega autónoma, mas, em qualquer caso, estratégias levadas a cabo por editoras conscientes da particular situação do sistema literário em que trabalham.

#### 4. Conclusões

Neste trabalho realizamos um estudo intensivo da literatura traduzida entre 2005 e 2012 pelas editoras incorporadas ao campo editorial galego desde o ano 2003, com recurso a um banco de dados organizado de modo relacional numa ferramenta de desenho próprio. Nesta primeira aproximação deste assunto, que confiamos poder continuar a analisar no

futuro próximo através de maiores desenvolvimentos e de diferentes pontos de vista, as nossas abordagens dizem respeito a volumes e cronologia da produção, géneros literários e línguas fonte, e permitem-nos chegar às seguintes conclusões gerais.

Em primeiro lugar, no tocante às ferramentas conceituais empregadas, comprovamos que o estudo do parâmetro da tradução no sistema literário galego fornece diagnósticos adequados sobre o seu estado, na sequência do quadro teórico elaborado por José Lambert (1980) para as relações entre a tradição, a tradução e a produção nos sistemas literários. Futuros trabalhos poderão levar em consideração novos períodos ou abordar um maior número de editoras, mas também poderão tomar o caminho da análise da tradição ou a produção própria, para completarem assim o estudo do campo editorial galego de modo contrastivo com o da tradução feito nestas páginas. Igualmente, futuros trabalhos poderão atender os repertórios temáticos ou ideológicos incorporados ao sistema cultural galego por meio da tradução de textos literários, como também às características das pessoas responsáveis pelas autorias –localização temporal, grau de consagração ou distribuição quanto a género, por exemplo– ou envolvidas nos trabalhos da tradução –género, formação, idades, condições laborais ou profissionais etc.–.

Quanto às ferramentas procedimentais empregadas neste trabalho, confirmamos que a base de dados do Projeto Livro Galego dá cobertura às abordagens quantitativas, qualitativas e relacionais que realizamos para descrevermos e analisarmos a produção em foco. Estas abordagens permitiram-nos constatar algumas hipóteses levantadas no estado da questão, tais como o predomínio no subcampo da tradução da literatura infantojuvenil e, de modo secundário, a narrativa, bem como a presença maioritária do espanhol, seguida de línguas europeias centrais como o inglês, o francês, o italiano ou o alemão. Aliás, as perguntas colocadas à BD ajudaram-nos a matizar ou desmentir algumas outras ideias: comprovamos que a responsabilidade maioritária de importação de títulos em espanhol

recai sobre a editora com maior produção das selecionadas, OQO Editora, enquanto a maior importação de obras em inglês é feita por parte de Urco; além destes dois projetos, a maioria de empresas realizam uma seleção de sistemas de importação, se não equilibrada, quando menos, mais diversa.

Ainda sobre as línguas fonte da produção estudada, constatamos que a referencialidade de oposição para o espanhol é anulada no subcampo da literatura infantojuvenil traduzida; por seu lado, a escassa presença do português como língua de partida no subcampo da tradução não permite afirmar, neste estado da investigação e para a população estudada, que exista qualquer afastamento da referencialidade de reintegração que este sistema desempenha para o sistema cultural galego historicamente considerado. Também comprovamos que a relevância do português apontada por Luna Alonso (2013: 108) não se verifica na nossa população e que o relacionamento entre as línguas ibéricas nestas 25 editoras dista de ser fluido (Luna 2013: 108-111), verificando-se neste sentido a presença hegemónica do espanhol e a ausência de importação significativa para o galego desde os sistemas catalão e basco.

Sobre a distribuição da produção estudada, verificamos a concentração num número restrito de editoras com uma produção geral alta, inseridas em lógicas mercantis. Esta distribuição está relacionada com a classificação por géneros literários da produção estudada. Assim, enquanto a literatura infantojuvenil e a narrativa aparecem associadas às editoras que concentram maior volume de traduções, o ensaio traduzido e a poesia estão associados a editoras de baixa produção e menor dependência de interesses mercantis ou lógicas hegemónicas. Ao tempo, constatamos que a escolha de línguas fonte minoritárias respondem quer à estratégia destas editoras de menor produção –como 2.0 Editora, Barbantesa ou Estaleiro– de importarem materiais de espaços infra-representados, quer à planificação alternativa de projetos que contam com um sustento

económico por parte da administração e/ou de práticas editoriais hegemónicas a conviverem com essas outras estratégias alternativas; falamos, neste sentido, de Rinoceronte Editora e de Faktoria K de Libros.

Quanto à cronologia da produção, verificamos que a Lei do libro impulsada pelo ejecutivo BNG-PSdeG teve um impacto importante na estabilização da produção traduzida nos anos subsequentes. O verdadeiro elemento determinante para o subcampo no período 2005-2012 foram as ajudas à tradução convocadas pelo governo autonómico galego em 2010, as mais quantiosas do período depois de que o governo do PPdeG resolvesse não as convocar em 2009. O máximo de títulos traduzidos nesta data, em que 44,89% das referências traduzidas foram subsidiadas, apontam para uma alta dependência do subcampo da tradução galega a respeito do campo de poder, em especial das editoras de maior produção representadas no bloco A. Isto deve ser posto em relação com o discurso de solicitação de apoios públicos verificado na maior parte das referências recolhidas no nosso estado da questão: as pessoas que pesquisam no âmbito da tradução galega reclamam a correção das políticas de tradução da Xunta de Galicia, enquanto parecem entender as estratégias mais autónomas, tais como o modelo de subscrição, como o último recurso ante a escasseza e/ou a arbitrariedade dos subsídios públicos. Estes discursos consolidam, enfim, a ideia da heteronomia da literatura traduzida.

Por último, no relativo aos resultados da aprendizagem, este trabalho tem sido um exercício exigente de descrição, organização e análise de dados sobre um segmento da produção cultural galega que agora conhecemos em maior profundidade. Graças a este conhecimento, pudemos realizar um exercício de reflexão crítica –não isento de carácter propositivo–, segundo o qual a normalização é uma ideia-força que norteia a atividade, também, das 25 editoras seleccionadas. Apresentado baixo diferentes manifestações, este conceito coloca a atividade da tradução na Galiza num paradigma próximo do que

González-Millán (1995) denominava nacionalismo literário. Todas as informações e análises aqui mostradas poderão servir para refletir sobre a possibilidade de novas práticas de planificação cultural, com base em conhecimentos empíricos.

## Referências

- 2.0 Editora (s.d.). “Quen vimos sendo...”. Disponível em [https://web.archive.org/web/20101122112447/http://20editora.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=68&Itemid=183](https://web.archive.org/web/20101122112447/http://20editora.com/index.php?option=com_content&view=article&id=68&Itemid=183) (consult. 30-06-2021).
- Axóuxere Editora (s.d.). “Editora”. Disponível em <http://axouxerestream.com/> (consult. 30-06-2021).
- Barré, Germain (2010). “La globalización de la cultura y la cuestión de la diversidad cultural: estudio de los flujos mundiales de traducciones entre 1979 y 2002”, *REDES- Revista hispana para el análisis de redes sociales* 8. Disponível em [http://revista-redes.rediris.es/html-vol18/vol18\\_8.htm](http://revista-redes.rediris.es/html-vol18/vol18_8.htm) (consult. 27-06-2021).
- Beramendi, Justo (1991). “El Partido Galleguista y poco más: organización e ideologías del nacionalismo gallego en la II República”. Em Beramendi, Justo e Máiz, Ramón (eds.) *Los Nacionalismos en la España de la II República*, 127-170. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega / Siglo Veintiuno.
- BITRAGA (2008). “El observatorio de la traducción en Galicia: A Biblioteca de Traducción”. Em Pegenaute, L.; Decesaris, J.; Tricás, M. e Bernal, E. (eds.), *Actas del III Congreso Internacional de la Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación. La traducción del futuro: mediación lingüística y cultural en el siglo XXI. Barcelona 22-24 de marzo de 2007* vol. n.º 1, 141-150. Barcelona: PPU
- BITRAGA (s.d.). “Biblioteca da Tradución Galega. Proxectos. Ampliación de BITRAGA (1980-2013)”. Disponível em <https://bitraga.webs.uvigo.es/proxectos/ampliacion-da-bitraga-1980-2013/> (consult. 20-06-2021)

- Bourdieu, Pierre (1989): “El campo literario. Prerrequisitos críticos y principios del método”. *Criterios* 25-28, 2-26. [Desiderio Navarro, trad.]
- Bragado, Manuel (2013). “Tradución e literatura galega (II)”. Em *Lingua e tradución. IX Xornadas sobre lingua e usos*, 221-225. Corunha: Universidade da Coruña.
- Cernadas, Lucia (2020). “O campo editorial galego de 2003 a 2019: ferramentas de análise e teste sobre a produción das editoras incorporadas no período” (Trabalho de Fim de Grau). Corunha: Universidade da Coruña. Disponível em <http://hdl.handle.net/2183/27424> (consult. 01-07-2021).
- Constenla Bergueiro, Gonzalo (1995). “Panorama da tradución literaria en Galicia durante o ano 1995”. *Anuario de estudos literarios galegos* n.º 1995, 183-189.
- Constenla Bergueiro, Gonzalo (1996). “Tradución literaria ó galego durante o ano 1996: un panorama esmorecente”. *Anuario de estudos galegos* n.º 1996, 211-219.
- Constenla Bergueiro, Gonzalo (1997). “Traducións, 1996”. *Viceversa: revista galega de tradución* n.º 3, 167-172.
- Constenla Bergueiro, Gonzalo (1997). “Tradución literaria no ano 1997: una necesaria e dubidosa consolidación”. *Anuario de estudos literarios galegos* n.º 1997, 217-226.
- Constenla Bergueiro, Gonzalo (1998). “Traducións ó galego no ano 1997: un medre de cifras esquivias”. *Viceversa: revista galega de tradución* n.º 4, 219-228.
- Constenla Bergueiro, Gonzalo (1998). “Tradución literaria: sen rumbo fixo”. *Anuario de estudos literarios galegos* n.º 1998, 277-283.

- Constenla Bergueiro, Gonzalo (1999). “Traducións para o galego, 1998”. *Viceversa: revista galega de tradución* n.º 5, 181-188.
- Constenla Bergueiro, Gonzalo (1999). “Literatura traducida: desandando o camiño”. *Anuario de estudos galegos* n.º 1999, 213-219.
- Constenla Bergueiro, Gonzalo (2000). “Traducións para o galego en formato libro durante o ano 1999”. *Viceversa: revista galega de tradución* n.º 6, 321-328.
- Constenla Bergueiro, Gonzalo (2000). “Tradución literaria: vogando a contracorrente”. *Anuario de estudos literarios galegos* n.º 2000, 303-311.
- Constenla Bergueiro, Gonzalo (2001). “Tradución literaria: na procura da normalización que non chega”. *Anuario de estudos galegos* n.º 2001, 285-290.
- Constenla Bergueiro, Gonzalo (2001-2002). “A tradución para o galego na entrada do milénio: reconto de libros traducidos nos anos 2000 e 2001”. *Viceversa: revista galega de tradución* n.º 7-8, 303-318.
- Constenla Bergueiro, Gonzalo (2003). “A tradución literaria no bienio 2002-2003: crónica dunha crise superada”. *Anuario de estudos literarios galegos* n.º 2003, 134-138.
- Constenla Bergueiro, Gonzalo (2003-2004). “Tradución ao galego en formato libro no bienio 2002-03”. *Viceversa: revista galega de tradución* n.º 9-10, 237-250.
- Constenla Bergueiro, Gonzalo (2004). “Ollando cara adiante sen ira. Panorámica das traducións literarias ao galego no ano 2004”. *Anuario de estudos galegos* n.º 2004, 167-174.

Constenla Bergueiro, Gonzalo (2013): “Evolución das traducións ao galego: das orixes ao século XXI”. *Lingua e tradución. IX Xornadas sobre lingua e usos*, 83-100. Corunha: Universidade da Coruña.

Decreto 124/2007, do 28 de xuño, polo que se regula o uso e a promoción do galego no sistema educativo. *Diario oficial de Galicia* n.º 25, 29-06-2007. Disponível em [https://www.xunta.gal/dog/Publicados/2007/20070629/Anuncio22B3A\\_gl.html](https://www.xunta.gal/dog/Publicados/2007/20070629/Anuncio22B3A_gl.html) (consult. 20-06-2021).

Decreto 79/2010, do 20 de maio, para o plurilingüismo no ensino non universitario de Galicia. *Diario oficial de Galicia* n.º 97, 25-05-2010. Disponível em [https://www.xunta.gal/dog/Publicados/2010/20100525/Anuncio196D2\\_gl.html](https://www.xunta.gal/dog/Publicados/2010/20100525/Anuncio196D2_gl.html) (consult. 20-06-2021).

Even-Zohar, Itamar (1990). *Polysystem Studies. Poetics Today* 11, vol. 1. Durham: Duke University Press.

Even-Zohar, Itamar (2018 [1997]). “A formação dos repertórios culturais e a atuação da transferência”, *Polissistemas [=IPOTESI – Revista de estudos literários, Vol. 22: 2]* Alves Magaldi, Carolina (ed.) [Juliana Steil trad.], 60-64.

Estaleiro Editora (s.d.). “Estaleiro editora”. Disponível em <https://web.archive.org/web/20171005201820/http://estaleiroeditora.blogaliza.org/estaleiro-editora-2/> (consult. 30-06-2021).

Facultade de Filoloxía e Tradución (s.d.). “Grao en Tradución e Interpretación”. Disponível em <http://fft.uvigo.es/gl/estudos/grao-gti/> (consult. 02-07-2021).

González Figueiras, Carlos (2005). “A literatura *infanto-juvenil* galega no tardo-franquismo”. Comunicaçom apresentada no VIII Congresso da Associação

Internacional de Lusitanistas. Disponível em <https://lusitanistasail.press/index.php/ailpress> (consult. 02-07-2021).

González-Millán, Xoán (1995). “Do nacionalismo literario a unha literatura nacional. Hipóteses de traballo para un estudo institucional da literatura galega”. *Anuario de Estudios Literarios Galegos* n.º 1994, 67-81.

Guerrero Alfaro, Sara (2021): “Alejandro Tobar: ‘A función normalizadora dun corpus serio de tradución nunha lingua minorizada é clara’”. Entrevista a Alejandro Tobar em O Salto. Disponível em <https://www.elsaltodiario.com/online/alejandro-tobar-traducion-hugin-munin-normalizacion-galego-lingua> (consult. 01-07-2021).

Hugin e Munin (s.d.). “Catálogo”. Disponível em <https://huginemunin.gal/catalogo/> (consult. 01-07-2021).

Kalandraka (s.d.). “Coñécenos”. Disponível em <https://www.kalandraka.com/know.html> (consult. 01-07-2021).

Lambert, José (1980). “Production, tradition et importation: une clef pour la description de la littérature et de la littérature en traduction”. *Canadian Review of Comparative Literature/Revue Canadienne de Littérature Comparée* vol. 7 n.º 2, 246-252.

Lei 17/2006, do 27 de decembro, do libro e da lectura de Galicia. *Diario Oficial de Galicia* n.º 7, 10-01-2007. Disponível em [https://www.lingua.gal/a-secretaria-xeral/lexislacion/lexislacion\\_0063/lei-172006-27-decembro-libro-lectura-galicia-dog-num-7-10-xaneiro-2007](https://www.lingua.gal/a-secretaria-xeral/lexislacion/lexislacion_0063/lei-172006-27-decembro-libro-lectura-galicia-dog-num-7-10-xaneiro-2007) (consult. 20-06-2021).

- Lourido, Isaac / Martínez Tejero, Cristina (2017). “Modelos de compromiso no campo dos estudos literarios galegos”. Em Teresa López, Laurence Malingret & Elias J.Torres Feijó (eds.) *Estudios literarios e campo cultural galego. En honra do profesor Antón Figueroa*. Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións da Universidade de Santiago de Compostela.
- Luna Alonso, Ana (2006). “La traducción de las culturas minorizadas. El caso del gallego”. *Senez* n.º 30. Disponível em <https://eizie.eus/es/publicaciones/senez/20061220/luna> (consult. 20-06-2021).
- Luna Alonso, Ana (2013). “Análise da tradución literaria cara ao galego. Fitos e tendencias nos primeiros anos do século XXI”. Em *Lingua e tradución. IX Xornadas sobre lingua e usos*, 101-125. Corunha: Universidade da Coruña.
- Luna Alonso, Ana (2019). “Editoras de nova xeración e políticas de tradución en Galicia no século XXI”. *Galicia 21 I*, 30-51.
- Luna Alonso, Ana; Montero Küpper, Silvia & Liliana Valado Fernández (eds.) (2011). *Translation Quality Assesment Policies from Galicia / Traducción, calidad y políticas desde Galicia*. Berna: Peter Lang.
- Luna Alonso, Ana; Fernández Rodríguez, Áurea; Galanes Santos, Iolanda & Montero Küpper, Silvia (eds.) (2015). *Literaturas extranjeras y desarrollo cultural. Hacia un cambio de paradigma en la raducción literaria gallega*. Berna: Peter Lang.
- Luna Alonso, Ana & Montero Küpper, Silivia (eds.) (2006). *Tradución e Política editorial de Literatura infantil e xuvenil*. Vigo: Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo.

Mejuto, Eva (2013). “OQO Editora: un camiño de ida e volta”. Em *Lingua e tradución. IX Xornadas sobre lingua e usos*, 227-231. Corunha: Universidade da Corunha

Montero Küpper, Silvia (2013). “As políticas de tradución no caso galego”. Em *Lingua e tradución. IX Xornadas sobre lingua e usos*, 41-62. Corunha: Universidade da Coruña.

Montero Küpper, Silvia (2017). “Sobre as subvencións públicas á tradución editorial galega (2008- 2016)”, *Madrygal. Revista de Estudios Gallegos* n.º 20, 103-112.

Orde do 12 de novembro de 2009 pola que se establecen as bases reguladoras para a concesión, en réxime de concorrencia competitiva, das axudas para a promoción, produción e edición do libro galego, no que se refire á tradución para outras linguas de obras publicadas orixinariamente en galego e á tradución para galego de obras publicadas orixinariamente noutras linguas, e se procede á súa convocatoria para o ano 2010. *Diario Oficial de Galicia* n.º 232, 26-11-2009.

Disponíbel em

[https://www.xunta.gal/dog/Publicados/2009/20091126/Anuncio3FFAE\\_gl.pdf](https://www.xunta.gal/dog/Publicados/2009/20091126/Anuncio3FFAE_gl.pdf)

(consult. 22-06-2021).

Resolución do 13 de setembro de 2010 pola que se lle dá publicidade ás axudas concedidas en virtude da Orde do 12 de novembro de 2009 pola que se establecen as bases reguladoras para a concesión, en réxime de concorrencia competitiva, das axudas para a promoción, produción e edición do libro galego, no que se refire á tradución para outras linguas de obras publicadas orixinariamente en galego e á tradución para o galego de obras publicadas orixinariamente noutras linguas, e se procede á súa convocatoria para o ano 2010. *Diario Oficial de Galicia* n.º 194, 7-

10-2010.

Disponíbel

em

[https://www.xunta.gal/dog/Publicados/2010/20101007/Anuncio33B8A\\_gl.pdf](https://www.xunta.gal/dog/Publicados/2010/20101007/Anuncio33B8A_gl.pdf)

(consult. 22-06-2021).

Rinoceronte Editora (s.d.). “Rinoceronte Editora”. Disponível em

<https://rinoceronte.gal/editora/> (consult. 01-07-2021).

Samartim, Roberto López-Iglesias (2011 [2010]): “Défices proyectivos e estratégias de planificación cultural no campo editorial dum sistema periférico (Galiza: 1968-1978)”. Em M<sup>a</sup> Amparo Tavares Maleval e Laura Tato Fontaíña (eds.), *Estudos Galego-Brasileiros 4. Lingua, Literatura, Identidade*. Corunha: Universidade da Coruña. Reedición em *poesiagalega.org. Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. Disponível em <http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/376/> (consult. 27-06-2021).

Samartim, Roberto, & Cernadas, Lucia. (2020a). Livro Galego – Base de Dados do livro galego no período autonómico (1978-2019) [Base de dados bibliográfica]. Projeto Livro Galego. <https://biblio.livrogalego.net/> (consult. 01-07-2021).

Samartim, Roberto, & Cernadas, Lucia (2020b). Livro Galego – Base de Dados do livro galego no período autonómico (1978-2019). Projeto Livro Galego. Disponível em <https://livrogalego.net/> (consult. 01-07-2021).

Sánchez Moreiras, Míriam (2019). “Translation Practices of Kalandraka and OQO Publishers and their Multi-local Dynamics: Two Cases of Pride, Profit and Success in Galicia”. *Galicia 21 I*, 11-29.

Tobar, Alejandro (2014). *De recompensas e cazatesouros. Denuncia do actual sistema de adjudicación de axudas á tradución e proposta para un cambio efectivo de modelo*. Santiago de Compostela: Hugin e Munin.

Torres Feijó, Elías J. & Samartim, Roberto (2018). *Sobre conflito lingüístico e planificación cultural na Galiza contemporânea. Dez contributos*. Santiago de Compostela: Através Editora.

Xunta de Galicia (2019). “O Consello Asesor do Libro estuda as liñas de actuación que definirán o Plan Galego de Dinamización da Lectura”. Disponível em <https://www.xunta.gal/hemeroteca/-/nova/072408/consello-asesor-libro-estuda-linas-actuacion-que-definiran-plan-galego-dinamizacion> (consult. 23-06-2021).

Vilavedra, Dolores (1999). *Historia da literatura galega*. Vigo, Galaxia.

Anexo I: editoras nascidas a partir de 2003 com produção traduzida para o galego entre 2005 e 2012

**2003**

Biblos Clube de Lectores

Difusora de Letras, Artes e Ideas

**2004**

Ézaro

Xixirín

**2005**

Faktoria K de Libros

OQO Editora

Rinoceronte Editora

**2006**

Estaleiro

**2007**

Cerditos de Guinea Cómics

El Patito Editorial

Franouren Ediciones

Morgante

Urco Editora

SM Xerme

**2008**

Patasdepeixe Editora

Todogrove

**2009**

Editorial Mendaur

Triqueta Verde

**2010**

2.0 Editora

Edicións Barbantesa

Edicións da Curuxa

Meubook

**2011**

Axóuxere Editora

Corsárias Livros

Editorial Hugin e Munin

**2012**

-

## Anexo II: editoras por blocos em função da sua produção<sup>7</sup>

<b>Editora</b>	<b>Produção no período</b>	<b>Traduções</b>
OQO Editora	333	119
Faktoria K de Libros	174	83
Rinoceronte Editora	74	71
Urco Editora	123	69
SM Xerme	143	18
El Patito Editorial	56	13
Patasdepeixe Editora	18	13
Editorial Hugin e Munin	11	11
2.0 Editora	25	9
Edicións Barbantesa	23	6
Morgante	63	5
Xixirín	7	5
Biblos Clube de Lectores	113	4
Axóuxere Editora	10	4
Triqueta Verde	4	3
Estaleiro	22	2
Franouren Ediciones	7	2
Ézaro	3	2
Edicións da Curuxa	2	2
Difusora de Letras, Artes e Ideas	83	1
Meubook	26	1
Cerditos de Guinea Cómics	21	1
Editorial Mendaur	14	1
Todogrove	10	1
Corsárias Livros	2	1

<sup>7</sup> As cifras apresentadas na tabela incluem as reedições e/ou os eventuais registos duplicados que tenham permanecido na BD após um processo de revisão não automatizado.

Anexo III: percentagem de produção traduzida nos catálogos das  
25 editoras seleccionadas

<b>Editora</b>	<b>Percentagens de livro traduzido</b>
Editorial Hugin e Munin	100%
Edicións da Curuxa	100%
Rinoceronte Editora	95,94%
Triqueta Verde	75%
Patasdepeixe Editora	72,22%
Xixirín	71,42%
Ézaro	66,66%
Urco Editora	56,09%
Corsárias Livros	50%
Faktoria K de Libros	47,7%
Axóuxere Editora	40%
2.0 Editora	36%
OQO Editora	35,73%
Franouren Ediciones	28,57%
Edicións Barbantesa	26,08%
El Patito Editorial	24,52%
SM Xerme	12,58%
Todogrove	10%
Estaleiro	9,09%
Morgante	7,93%
Editorial Mendaur	7,14%
Cerditos de Guinea Cómics	4,76%
Meubook	3,84%
Biblos Clube de Lectores	3,53%
Difusora de Letras, Artes e Ideas	1,16%